

Belo Horizonte,
Março/Abril de 2019
Edição nº 1.383

SUPLEMENTO



S

érgio Sant'Anna é um escritor carioca que nasceu para a literatura em Belo Horizonte, sendo um dos nomes mais vitoriosos da Geração Suplemento. O marco inicial de sua carreira, o lançamento do livro de contos *O sobrevivente*, completa 50 anos neste 2019, atingindo a marca de seu contemporâneo Luiz Vilela, cujo cinquentenário de estreia em livro foi saudado por este *Suplemento Literário de Minas Gerais* (SLMG nº 1375, de novembro/dezembro de 2017). Os jornalistas João Pombo Barile e André Nigri palmilharam a trajetória de Sérgio, como pode ser lido a partir da página 3, um documento ao qual acrescentamos os testemunhos dos seus companheiros de viagem Sebastião Nunes e Angelo Oswald e de seu filho André, que vem lhe seguindo os passos na literatura.

Outro importante intelectual mineiro, Jacyntho Lins Brandão, recém empossado na Academia Mineira de Letras e tradutor de textos da antiguidade, nos revela aqui sua face poética, através de cinco sonetos sobre nada. João Batista Santiago Sobrinho tem sua poesia estudada por Ana Paula da Costa, Yeda Prates Bernis mostra sua poesia em prosa e Mário Alex Rosa verseja sobre a unha do poeta, fechando o número.

Temos ainda o conto "Guri", do gaúcho Lucio Carvalho, e um exercício de memória do mineiro Edgard Pereira, mostrando dois aspectos diversos da ficção brasileira.

O desenho da capa e as outras duas ilustrações desta edição são de autoria de Carlos Wolney.

Governador do Estado de Minas Gerais
Secretário de Estado de Cultura
Secretária Adjunta de Estado de Cultura
Secretário de Estado de Casa Civil e Relações Institucionais
Subsecretário de Imprensa Oficial da Secretaria de Estado de Casa Civil e Relações Institucionais
Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário

Romeu Zema
Marcelo Landi Matte
Solanda Steckelberg
Custódio Antônio de Mattos

Rafael Freitas Corrêa
Lucas Guimaraens

Suplemento Literário

Diretor
Coordenador de Promoção e Articulação Literária
Coordenadora-Adjunta de Apoio Técnico e Revisora
Escritório de Design
Design Gráfico e Diagramação
Conselho Editorial

Jaime Prado Gouvêa
João Pombo Barile
Flávia Figueirêdo
Gíria Design e Comunicação
Carolina Lentz - Gíria Design e Comunicação
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza,
Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Rui Coutinho

Equipe de Apoio

Jornalista Responsável
ISSN: 0102-065x

João Pombo Barile – JP 74894 MG

Textos assinados são de responsabilidade dos autores
Acesse o Suplemento online: www.bibliotecapublica.mg.gov.br.

Mantenha seu cadastro de leitor sempre atualizado
através de nossos canais de comunicação:

Suplemento Literário de Minas Gerais
Praça da Liberdade, 21 – Biblioteca Pública – 3º andar
CEP: 30140-010 – Belo Horizonte, MG – 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br

SUPLEMENTO



Capa: Carlos Wolney

SÉRGIO SANT'ANNA

UM PANORAMA DE MEIO SÉCULO DE LITERATURA

JOÃO POMBO BARILE E ANDRÉ NIGRI

UM SOBREVIVENTE

“De certa forma parei de viver espontaneamente. Porque encaro as minhas vivências de uma forma utilitária, ou seja: material para escrever. Às vezes até seleciono aquilo que vou viver em função do que desejo escrever.”

(Sérgio Sant'Anna, em *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro*)

O retrato em branco e preto faz lembrar um ator da Nouvelle Vague. E foi usado para ilustrar matéria sobre o lançamento que aconteceria naquela sexta, na Livraria do Estudante. Ponto de encontro dos literatos belo-horizontinos no final dos anos 1960, a livraria ficava numa galeria de um prédio da rua Espírito Santo, esquina com Tupis. Foi ali, pouco antes de completar 28 anos, que Sérgio Sant'Anna autografou *O Sobrevivente*, seu primeiro livro de contos, que neste ano de 2019 completa 50 anos.

A data exata do lançamento nem ele, nem a família ou os amigos se lembravam ao certo. Mas o texto sobre o lançamento, publicado no *Suplemento Literário* do "Minas Gerais" e ilustrado com a foto do jovem escritor, cigarro na boca e cara de bad boy, não deixa esquecer: 28 de setembro de 1969.

Sérgio não era propriamente inédito. Já havia publicado antes na antologia *Porta:*, produzida por estudantes de direito da UFMG, e na revista *Estória*, que teve a existência de seis números e durou de 1965 a 1968. Tirando dinheiro do próprio bolso e com ajuda do pai, o jovem funcionário público, casado com Mariza Werneck, autora da ilustração da capa, e

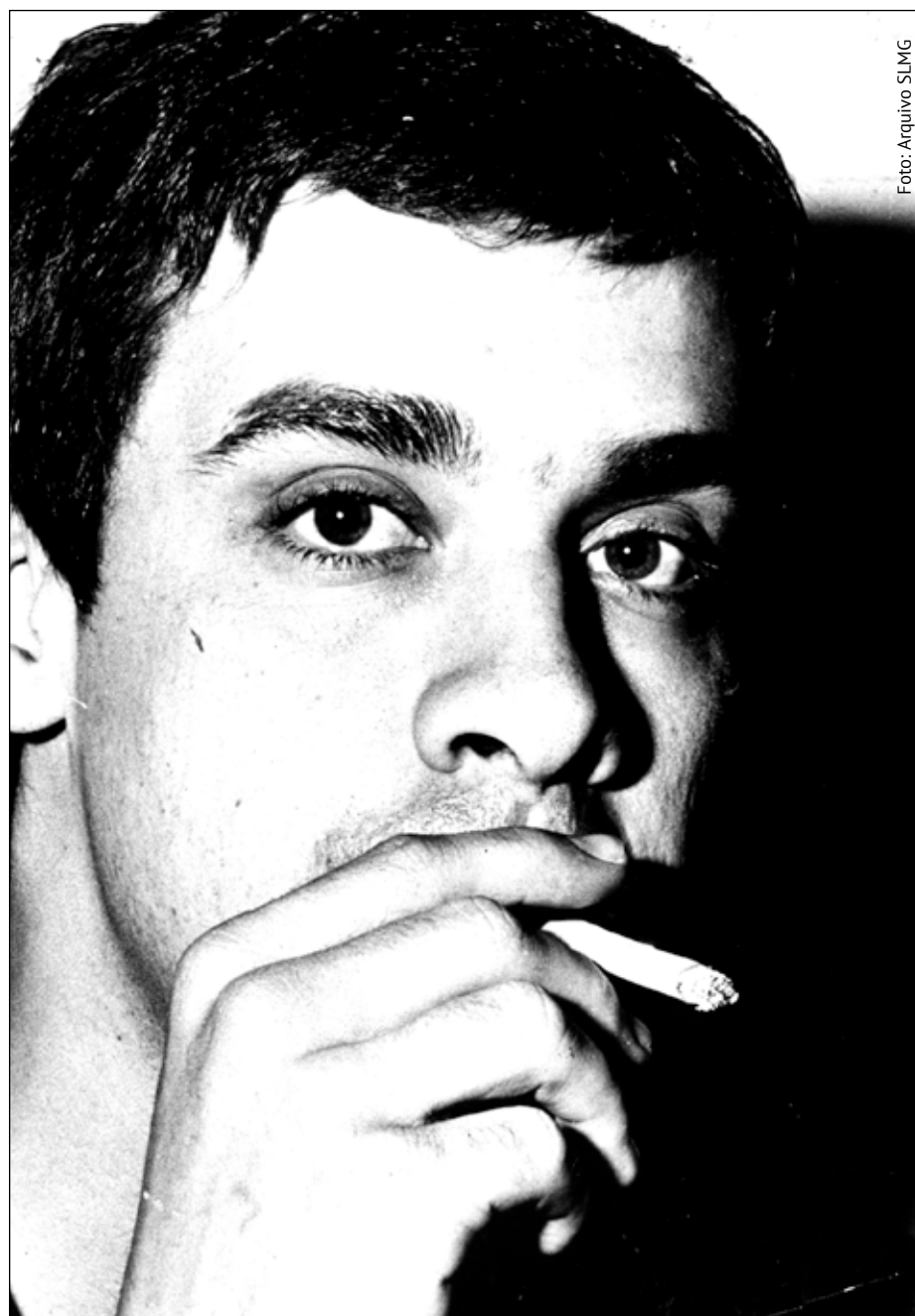


Foto: Arquivo SLMG



Sérgio Sant'Anna, Mária Lúcia Lepecki e Luiz Gonzaga Viera na redação do Suplemento Literário no final dos anos 1960

já pai de dois filhos, André e Paula, começava ali uma das carreiras mais criativas e potentes da literatura brasileira.

Quase 50 anos depois, sentado no sofá do seu apartamento em Laranjeiras, no Rio de Janeiro, Sérgio admite que os dois acontecimentos que mais tiveram importância no início de sua trajetória foram mesmo a revista *Estória* e o *Suplemento Literário*.

“Mas acho que na *Estória* me sentia mais livre. Foi ali que conheci os primeiros amigos que me jogaram de verdade para a literatura. Primeiro o Henry Corrêa de Araújo. Depois o Luiz Vilela e o Luís Gonzaga Vieira, todos da *Estória*. Por causa deles, comecei a andar com o pessoal da literatura”. Por aqueles anos, Sérgio frequentaria ainda as aulas do curso de Direito da UFMG. Ali, conheceu mais aspirantes à literatura: Sebastião Nunes, Fernando Brant, Humberto Werneck, José Márcio Penido, João Paulo Gonçalves, Duílio Gomes, José Francisco Rezek...

O Sobrevivente, livro lançado naquela noite, nunca mais seria republicado. Sérgio, quando fala do livro, faz severas ressalvas. Parece não gostar do primeiro filho. “Acho o livro muito intimista. Eram histórias muito subjetivas, imaturas. Não tinha ainda saído de Minas. O livro é tumultuado por problemas psicológicos. Ao reler *O sobrevivente* para organizar meus *Contos e novelas reunidos*, em 1997, para a Companhia das Letras, me lembrei de uma frase do Tom Jobim: ‘Quando eu era velho...’. E cortei mais da metade dos contos”.

QUEM VAI SOBRAR DESTA TURMA TODA?

Quem nasceu depois da revolução digital talvez não tenha ideia da dificuldade de se publicar um livro naquele final dos anos 1960. O barateamento da produção editorial, que inundou as poucas livrarias existentes no país com milhares de livros de maneira caricatural, levaria recentemente o próprio Sérgio, sempre provocador, a tirar um sarro da situação do mercado editorial tupiniquim: “Acho que no Brasil está se escrevendo demais. Precisamos ter mais leitores e menos escritores”, ironizou durante uma mesa da Flip em 2018.

A visão ácida de Sérgio se explica quando nos voltamos para aquela época na qual ele publicou seu livro de estreia. Nos primeiros anos da ditadura, publicar era mesmo um acontecimento. E fazer carreira literária coisa de suicida. Fora do eixo Rio-São Paulo, a situação era ainda mais quixotesca. Pouca coisa havia mudado no mercado editorial de Curral Del Rey desde aquele distante ano de 1930, quando Carlos Drummond de Andrade publicou *Alguma Poesia*. Assim como o primeiro de Drummond, o livro de estreia de Sérgio também seria uma iniciativa do próprio autor. Publicar em Belo Horizonte ainda era missão quase impossível. A vida literária por essa época seria assim descrita pelo amigo de Sérgio, o escritor Luís Gonzaga Vieira, um ano antes em um texto de *Estória*. “O êxodo, o desânimo, o beco — e surge a pergunta incômoda: quem vai

sobrar dessa turma toda? Quem vai continuar escrevendo, mesmo sem possibilidades de publicação a curto prazo? Daqui a 10 ou 15 anos — menos, quem sabe? — talvez ninguém mais escreva. Porque, para dois ou três verdadeiros escritores, há uma multidão de diletantes.”

DETERMINAÇÃO E SOLIDÃO

Talvez determinação seja o mais importante atributo para definir a vitoriosa trajetória de Sérgio. Desde jovem, ele sabia o que queria. “O Sérgio sempre quis ser escritor”, garante a advogada e professora Sandra Starling, que trabalhou com ele no início dos anos 1960, na Petrobras. Com pouco mais de 20 anos, e antes de conhecer a turma da *Estória* e do *Suplemento Literário*, Sandra garante que ele já sabia aonde queria chegar. “Ele sempre foi muito determinado”, garante ela.

“É verdade: de todos nós, ele foi o cara que levou a coisa mais a sério”, confirma o poeta João Paulo Gonçalves, um dos participantes da antologia *Porta:*, ao lado de Sérgio. Sentado em uma mesa da Livraria Quixote, na Savassi, que nos últimos anos virou uma espécie de ponto de encontro da chamada Geração *Suplemento*, João Paulo se lembra do grande empenho que Sérgio teve pelo ofício de escrever. “A literatura sempre esteve em primeiro lugar na vida dele”, garante.

Já para o contista Jaime Prado Gouvêa, o êxodo generalizado da sua geração naquele período é fundamental para entender o clima desolador daqueles anos. “Estava todo mundo indo embora para São Paulo. Muitos para a redação do *Jornal da Tarde*. José Marcio Penido, Valdimir Diniz, Humberto Werneck, Luiz Vilela, eu. O Sérgio sentiu muito a turma dele toda indo embora. Não tinha mais os amigos pra conversar e ir para o boteco”, diz.

O tom melancólico, assinalado por Gouvêa, pode ser lido em um depoimento do próprio Sérgio para a revista *Estória*, em 1968. Nele, Sérgio faz uma espécie de balanço daqueles anos. E escreve: “Não menos importante é o problema da ‘emigração periódica dos mineiros’, que atinge, agora, esta geração, ameaçando a coesão do grupo e as possibilidades de realizações coletivas. Fogem, com razão, os novos escritores, da falta de horizontes econômicos e profissionais na cidade, além de representarem estas mudanças uma oportunidade de vivências suplementares. Com a dispersão geográfica, entretanto, concretiza-se esta impotência coletiva, restando a realização de cada um como escritor isolado. Mas como são extremamente difíceis os caminhos da literatura e a vida está aí, plena de outras solicitações, só mesmo aqueles dotados de grande consciência de sua escolha poderão sobreviver. Daí a nítida ameaça de tornar-se esta mais uma geração literária inexpressiva, a fornecer um ou outro bom escritor em meio a dezenas de excelentes e apenas jornalistas, para não dizer outras profissões mais distantes do ato de escrever.”

Quase meio século depois, Sérgio acredita que o início de tudo foi um concurso de contos patrocinado pela Faculdade de Direito. “Se não tivesse saído do Rio para Belo Horizonte aos 17 anos, dificilmente teria me tornado um escritor. E meu começo verdadeiro foi um segundo lugar que

Se não tivesse
saído do Rio para Belo
Horizonte aos 17 anos,
dificilmente teria me
tornado um escritor. E meu
começo verdadeiro foi um
segundo lugar que
eu tirei num concurso de
contos da Faculdade de
Direito. Isso me ajudou
muito a me aproximar das
pessoas”, conta Sérgio.

eu tirei num concurso de contos da Faculdade de Direito. Isso me ajudou muito a me aproximar das pessoas”, conta Sérgio. O resultado do concurso seria mais tarde recordado no seu conto “Amigos”, de *Anjo Noturno*.

AFFONSO ÁVILA

Embora o convívio com Murilo Rubião, no SLMG, tenha sido importante, Sérgio resalta que foi mesmo o poeta e crítico Affonso Ávila a maior influência por aqueles anos. “Gostava muito do Murilo, um cara excepcional. Quando eu saí de Minas ele me deu uma festa de despedida. Mas eu o achava um pouquinho conservador. Um cara habituado com a política. E eu tinha mais cerimônia. Entre nós dois não havia propriamente influência. Aos poucos, ele veio a gostar do meu trabalho, mas foi mesmo o Affonso o cara mais importante pra mim.”

O poeta Affonso Ávila representava aquilo que, desde o início, sempre interessaria a Sérgio: a vanguarda e a experimentação. “Hoje estas palavras perderam um pouco o sentido. E às vezes até não significam nada. Mas naquela época era o máximo poder conviver com um cara feito o Affonso. Ele sempre chamava a atenção da gente pra todas as coisas novas que estavam acontecendo.”



Os poetas Décio Pignatari e Affonso Ávila na redação do Suplemento Literário de Minas Gerais

Entre as novidades daquele final dos anos 1960 estava a Poesia Concreta. Affonso era amigo da tríade paulista formada por Décio Pignatari, Haroldo e Augusto de Campos, que desde os anos 1950 vinha desprovincializando a literatura brasileira. Em Minas, esse papel era mesmo de Affonso. “Ele sempre foi um cara muito generoso. Sempre que algum escritor, ou poeta importante, passava por Belo Horizonte eles iam até a casa do Affonso. Para o Murilo Mendes, por exemplo, ele deu uma festa e convidou a gente. Era muito importante para nós, escritores novos, conhecer o Murilo Mendes. Lembro também de ter conhecido a Nathalie Sarraute na casa dele”.

Enquanto parte da turma dos amigos mineiros fazia as malas e se mandava para São Paulo, cumprindo a profecia do escritor Jacques do Prado Brandão que dizia que “mineiro que fica em Minas é porque tem algum defeito de fabricação. Não é exportável”, o jovem carioca escritor sente que a barra está mesmo pesada com a radicalização da ditadura militar. Ganha uma bolsa da Fundação Ford e se manda para os Estados Unidos.

Não seria a primeira vez que Sérgio deixaria a terra brasilis. Ele já havia morado antes na Inglaterra, com os pais, nos anos 1950. Bem mais tarde, o período seria transformado em literatura em “O Conto Zero”, a joia rara que abre o livro *O Conto Zero e outras histórias*, de 2016. Ele voltaria a morar mais uma vez no antigo continente nos anos 1960: estava na França durante as manifestações de maio de 1968 em Paris. “Trabalhava, no início dos anos 1960, na Petrobras. Com a ditadura

comecei a sofrer represália, já que pertencia a Ação Popular. Era funcionário da Petrobras e pertencia ao Sindicato”, conta, revelando um Sérgio engajado, face pouco conhecida dos seus leitores.

Parte deste período, quando era funcionário na Refinaria Gabriel Passos, em Betim, também está em “Amigos”, de *Anjo Noturno*. Na narrativa, Sérgio reconstitui aqueles tristes, e trágicos, dias do final de março de 1964. E que, ironicamente, ainda hoje guardam uma atualidade impressionante. Escreve em um determinado ponto do conto: “O mais deprimente foi que, no caminho até Copacabana, rumo a um apartamento, cujo dono saiu com a família para que lá nos abrigássemos, vimos uma chuva de papel picado atirado dos apartamentos desde o bairro do Flamengo, com a classe média comemorando o que se chamava de revolução anticomunista”.

ESQUERDA BOLCHEVIQUE

Apesar de sempre ter sido um progressista, pagando um preço caro por isso com a perda do emprego na Petrobras, Sérgio, desde o início, teve problemas com a esquerda tupiniquim quando o assunto era cultura. Já naquela época não tinha muita paciência com a visão que o Partidão pregava sobre literatura e da arte. “Ter vivido o maio de 1968 foi importante neste sentido. Acho que o grande saldo de 1968 foi contra



a esquerda bolchevique. Lembro bem de ter acompanhado os acontecimentos da Tchecoslováquia, a invasão russa em Praga. Ficou muito claro na minha cabeça que, embora eu fosse contra a ditadura que existia naquele momento no Brasil, eu não queria nada com a estética daqueles países comunistas”.

Mas seria mesmo sua visita aos Estados Unidos, em 1970, a grande viagem de sua vida. Em Iowa, participa do International Writing Program, logo apelidado pelos participantes de Internacional Drinking Program, por razões óbvias. A viagem transformaria a cabeça de Sérgio. Durante um ano, conviveu com malucos do mundo inteiro. E com a juventude americana, que vivia ainda a era do sonho e do rock, apesar da guerra do Vietnã. Sérgio se entusiasma sempre quando se lembra dessa viagem. O período mais feliz de sua vida. “O diretor de teatro Bob Wilson passava uma temporada na cidade e seus espetáculos me marcaram definitivamente. Minha literatura, até hoje, é impregnada de uma teatralidade plástica”, afirma o escritor.

Sérgio seria mesmo outro artista depois de assistir a montagem de *The Deaf-man Gance*. Muitos anos depois, a obra de Wilson acabaria o aproximando de outro diretor: Antunes Filho, este também um fã incondicional de Wilson, que contaria a Sérgio que uma das principais influências para fazer seu *Macunaíma* tinha sido o norte-americano.

DE VOLTA A MINAS

Em 1971, Sérgio já estava de volta ao Brasil, e retomava a pacata vida de amanuense em Belo Horizonte. “Vibrações” começou a ser escrita por

esta época. E resume bem o impacto e a importância que o período em Iowa teve para o escritor. Sérgio fez as primeiras anotações para o texto naquele ano e publicou parte delas no Suplemento *Literário* em 1973. A redação final só aconteceria em 2015 e seria publicada em *Anjo Noturno*.

“Achei que era importante tentar retratar aquele período, suas figuras centrais e sua nova estética. Fui muito marcado pelos acontecimentos de 1968 na França, Tchecoslováquia e Alemanha. No Brasil, o tempo fechou e houve um aumento da repressão da ditadura. A gente, no entanto, que não tinha participado da luta armada, procurava libertar-se existencialmente. Acreditávamos que o mundo se transformaria para melhor. Mas isso depois não aconteceu”, constata desiludido com os rumos políticos que o país tomou nos últimos tempos.

Sérgio volta a frequentar a redação do SLMG. O contista Jaime Prado Gouvêa se lembra bem daquele início dos anos 1970: “Tinha ficado quase um ano em São Paulo, mas não me acostumei com a cidade e resolvi voltar. O Sérgio tinha voltado um pouco antes. O Saloon era o nosso ponto de encontro: eu, o Fernando (Brant) e o Sérgio íamos pra lá todo fim de tarde”, recorda.

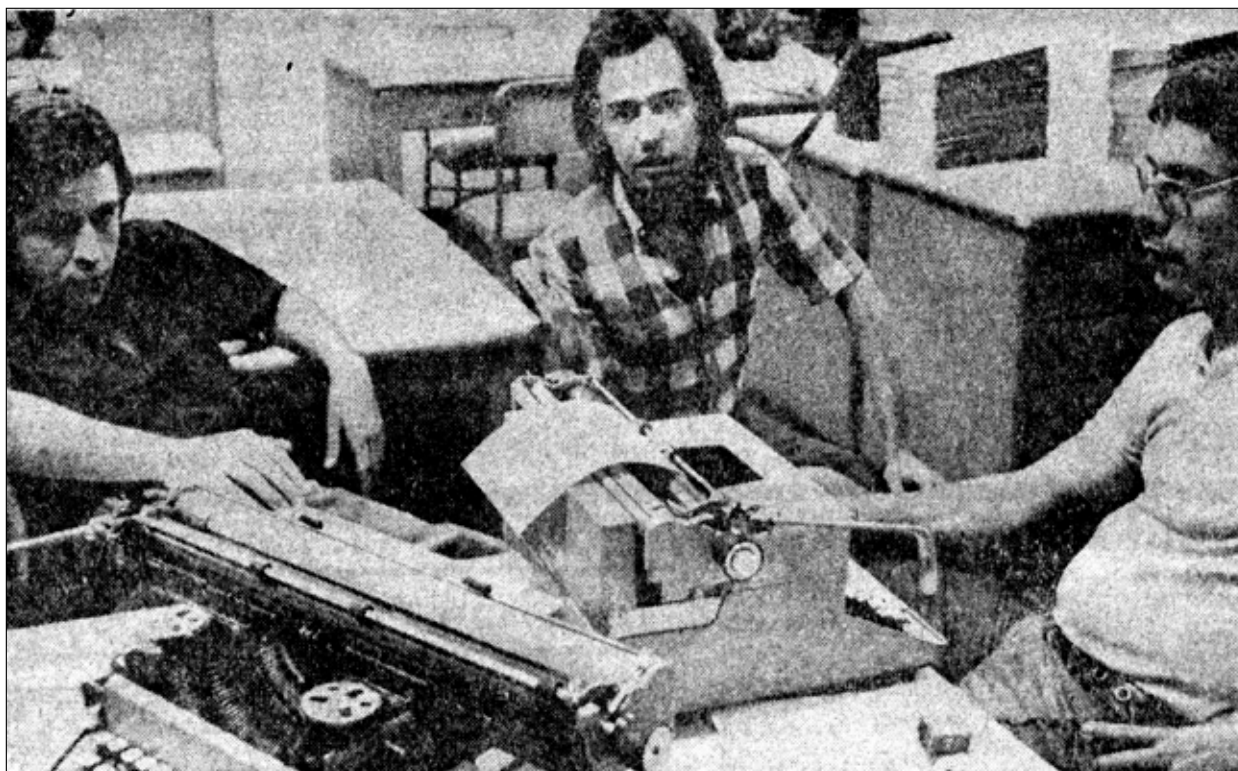
Era mesmo de lei. De segunda a quinta, Sérgio vinha de seu emprego na Justiça do Trabalho, na rua Curitiba, e Fernando da sucursal de *O Cruzeiro*, na rua Goitacazes, onde era repórter. “Às quatro horas, o Sérgio e o Fernando chegavam lá na redação do *Suplemento*. E depois a gente ia para o Saloon”, conta Jaime.

Fernando Brant, em depoimento que deu ao SLMG em 2013, recordaria com carinho aqueles encontros etílicos dos três amigos. E se lembraria da letra de uma canção sua feita em parceria com Bituca naqueles anos. Na canção ‘Saudades dos Aviões da Panair’, que fez em parceria com Bituca,

já é um pouco pra falar mal dos militares. Do período da repressão. Tanto que a Elis Regina, quando foi gravar, usou um subtítulo que era ‘Conversando no Bar’. Era aquele negócio das conversas que a gente tinha lá na redação do *Suplemento*, no Saloon. Aquelas conversas com o Sérgio Sant’Anna, com o Jaime. A canção tem o clima das conversas da gente”, recordaria Brant.

Da amizade entre Sérgio e Fernando surgiria uma parceira no espetáculo teatral *Maria Maria*, em 1976: é de Sérgio o texto da cena 16, chamado “Eu sou uma preta velha aqui sentada ao sol”. Mais tarde, Fernando ajudaria a publicar o livro de poemas de Sérgio *Circo - Poema Permutacional Para Computador, Cartão e Perfuratriz*.

Os dois seriam amigos até a morte do letrista, em 2015. “Fiquei sabendo da morte dele pela televisão assistindo ao jornal”, recorda Sérgio sentado no sofá de seu apartamento. “Fiquei desnorreado com a morte dele. Fernando foi um dos meus maiores amigos”.



Os escritores Jaime Prado Gouvêa, Angelo Oswald e Sérgio Sant’Anna numa foto de 1973 publicada no Jornal do Brasil

O JOVEM ANGELO OSWALDO VIRA EDITOR

Sérgio conta que achou meio estranho quando o jovem Angelo Oswaldo foi anunciado como o novo editor do SLMG. A ideia inicial de Murilo Rubião era colocar o contista Humberto Werneck no comando do jornal. Mas Humberto já tinha batido asas para São Paulo, onde começava uma vitoriosa carreira como jornalista. “Quando o Angelo Oswaldo se tornou o Secretário de Redação a gente tomou um susto: ‘Péra aí: quem é esse cara?’. Um cara da alta sociedade. O Angelo tinha vinte e poucos anos e já era diretor do *Suplemento*?”.

Já logo no primeiro número, Angelo diria a que veio. O SLMG, que desde 1970 era editado pelo contista Ildeu Brandão, e já tinha sido antes dirigido pelo seu fundador Murilo Rubião (1966/1970) e ainda Rui Mourão (1970) e Libério Neves (1970), mudaria completamente de cara. “Lembro que o poeta Valdimir Diniz ajudou bastante a preparar o primeiro número do Angelo. Era uma coisa toda revolucionária. O Tião (o poeta Sebastião Nunes) escreveu um texto experimental, com rato, algo assim, uma clara provocação à ditadura. Uma coisa perigosa de se fazer naqueles anos. E o Angelo bancou. Disse que estava tudo bem e publicou. E a partir daí a gente ficou amigo dele”.

É o período de maior produção de artigos de jornais de Sérgio. O escritor estava atento a toda a vida literária brasileira. E publicou, além de contos, muitas resenhas de lançamentos de livros. Resenhas e ensaios, muito bem construídos, como, por exemplo, o texto sobre o lançamento do livro *Preço da Passagem*, de Chacal. Além disso, se envolve em várias polêmicas. Esses textos estão todos espalhados no SLMG desse período e vão tomando poeira enquanto esperam a boa vontade de algum editor para transformá-los em livro.

Extensão quase natural da redação do *Suplemento Literário* seria o Saloon, onde Sérgio viabilizaria a publicação do segundo livro. E aí a ajuda do amigo Fernando Brant seria fundamental. Num bate papo com o compositor Edu Lobo, que estava de passagem por Belo Horizonte, o letrista entregou a ele os originais de *Notas de Manfredo Rangel, repórter (a respeito de Kramer)*. O livro seria lançado pela Civilização Brasileira, a editora de maior prestígio na época.

O fim do casamento com Mariza coincidirá com o lançamento de *Confissões de Ralfo (Uma Biografia Imaginária)*, o terceiro livro de Sérgio e seu primeiro romance. Dividido em nove partes, a obra traz uma epígrafe do poeta T. S. Eliot. E que talvez resuma um pouco o espírito das ideias que rondavam a cabeça do escritor no período. Escreve o poeta de *The Waste Land*: “Em matéria de romance, somente tem valor hoje, ao que tudo indica, aquilo que não é mais romance”.

Ao se recordar daqueles anos, Jaime Prado Gouvêa se lembra bem da imagem de Sérgio rascunhando os originais do livro no Saloon. Sérgio às vezes chegava antes dele e de Fernando. E aproveitava quando o bar ainda estava vazio para escrever. “Lembro muito do Sérgio sempre dizendo: ‘estou aprendendo a escrever romance, escrevendo um romance’”, conta Gouvêa, que recorda ainda o interesse que o amigo carioca tinha por José Agrippino de Paula na época.

Glauberiano, tropicalista. Foram inúmeros os adjetivos que a crítica se valeu para classificar o primeiro romance de Sérgio. Um deles, Flora Sussekind, que ao lado de Malcolm Silverman é um dos poucos críticos que Sérgio consegue citar de cabeça quando perguntado sobre quem gosta de ler quando o assunto são seus livros, chamava a atenção, já nos anos 1980, para a chave da ironia, fundamental para compreender qualquer livro de Sérgio.

Sentado à mesa da sala do seu apartamento, entre um café e outro, Sérgio, quando fala do seu romance de estreia parece ter carinho pela obra. Diferente de *O Sobrevivente*, que ele deixou enterrado no passado, decidiu revisitá-lo duas décadas depois: o romance ganharia uma reedição, revista pelo autor, em 1995, pela editora Relume-Dumará. “Resolvi reeditar o *Confissões* porque o livro era muito falado, mas estava esgotado. Creio que não mexi muito no livro, pois assumi as suas qualidades e defeitos. Era meio um antirromance e o autor-personagem, como eu mesmo, não tinha como escrever um romance de autor experiente. Mas creio, como muita gente, que o livro vai crescendo, à medida que o romance avança. Como se eu aprendesse a escrever escrevendo, sem perder todo o lado experimental do livro”, explica o autor que, de novo, cita a influência de Bob Wilson. “Ele me mostrou coisas que, de alguma maneira, acabei incorporando na minha literatura. Nas *Confissões de Ralfo* o capítulo ‘Au Théâtre’ é claramente inspirado nele”.

CRÍTICOS

Ao lembrar-se de toda a tinta gasta para se tentar entender este e outros livros seus, ele parece se divertir com as tentativas de análise.

“Te confesso que a minha vaidade não chega ao ponto de ler todos os mestrados e doutorados que escrevem sobre os meus livros. Não fico acompanhando não”, conta.

Glauberiano, tropicalista. Foram inúmeros os adjetivos que a crítica se valeu para classificar o primeiro romance de Sérgio. Um deles, Flora Sussekind, que ao lado de Malcolm Silverman é um dos poucos críticos que Sérgio consegue citar de cabeça quando perguntado sobre quem gosta de ler quando o assunto são seus livros, chamava a atenção, já nos anos 1980, para a chave da ironia, fundamental para compreender qualquer livro de Sérgio. Assim, ao tratar da tortura, que comia solta no país, Sérgio se vale do humor para denunciar o absurdo e a barbárie do regime autoritário.

Somente dois anos separam *Confissões de Ralfo de Simulacros*. Ao falar de *Simulacros*, Sérgio se lembra de que o livro teve uma boa recepção. “Nunca mexi em *Simulacros*, porque também assumi suas qualidades e defeitos. E o livro não passou de uma edição. Mas teve críticas bastante elogiosas, inclusive na *Veja* e no *Jornal do Brasil*. Na *Veja*, José Maria Cançado o colocou como uma renovação na literatura brasileira. No JB, Carlinhos de Oliveira, igualmente entusiasmado, dedicou uma crônica ao *Simulacros*, parodiando os personagens do livro.

MALLETA

Era o tempo das visitas diárias ao Malleta (aos bares do edifício Arcângelo Malleta, outro reduto boêmio de Belo Horizonte), que serviam de inspiração para o primeiro livro de Sérgio lançado com ele já

morando no Rio, *Um Romance de Geração*. “A turma da velha guarda, presidida pelo contista Murilo Rubião, com o seu indefectível terno, costumava sentar-se às mesas do botequim Lua Nova, também chamado de Lua Nava por causa de José Nava (irmão de Pedro Nava). Os mais jovens preferiam a Cantina do Lucas, refúgio sempre aberto nas madrugadas”, escreveria o próprio Sérgio em uma crônica publicada no jornal carioca O Dia muito tempo depois.

Nas palavras de Jaime Prado Gouvêa, os últimos anos de Sérgio por aqui foram “um pouco confusos”. “Ele já tinha morado em Venda Nova (bairro distante e periférico de Belo Horizonte), e depois na Cidade Jardim (bairro central e nobre da cidade). Sérgio andava ‘desgovernado’”, conta o autor de *Fichas de vitrola e outros contos*, que sugeriu então que talvez fosse uma boa o amigo voltar para o Rio. Para Jaime Prado Gouvêa, a melhor imagem de Sérgio desse período está no poema “A mudança do poeta”, do livro *Junk Box (Uma tragicomédia nos trópicos)*, publicado pela primeira vez em 1984 e reeditado pela editora Dubolsinho em 2002.

Num depoimento de Sérgio, em 2008, dado à pesquisadora Viviane Monteiro Maroca, o escritor carioca faria um balanço definitivo dos anos em Minas. E diria: “Chega um momento em que a gente se separa. Em termos de literatura, eu não me sinto irmão de ninguém. Não fomos um grupo no sentido em que foi o do Fernando Sabino. Aquele que veio antes, o Sabino, o Otto Lara Resende, que ficaram do princípio ao fim como um grupo.”

Na Cidade Maravilhosa, ele se tornaria um dos maiores escritores da literatura brasileira.

UM ESCRITOR INCLASSIFICÁVEL

O livro *O Concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro*, publicado em 1982, foi um dos acontecimentos mais importantes da literatura brasileira da segunda metade do século passado. A obra, que rendeu o primeiro Jabuti ao autor, marca um salto na grande ousadia formal já esboçada nas obras anteriores e consolidada nessa primorosa coletânea de contos e no que viria depois. Muitos consideram o livro o ponto alto da carreira de Sérgio Sant’Anna.

Em 2019, em depoimento para o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, Sérgio foi indagado se colocava a literatura como primordial na sua vida. O escritor desconversou, mas acabou se rendendo. Um trecho do conto que dá título ao volume citado resume ironicamente a primazia artística em sua vida: “De certa forma parei de viver espontaneamente. Porque encaro as minhas vivências de uma forma utilitária, ou seja: material para escrever. Às vezes até seleciono aquilo que vou viver em função do que desejo escrever.”

Em *O Concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro* torna-se ainda mais evidente o que já se notara em *Um Romance de Geração*: o mundo ficcional visto como um grande palco onde todos representam, a começar pelo autor, e a importância dos silêncios ou de só dizer o que realmente precisa ser dito. Em *Um Romance...* o escritor em crise confessa que gostaria de ser como Duchamp e Rimbaud, artistas que souberam parar ou mantiveram-se em prolongado período de quietismo. Mas Sérgio Sant’Anna ainda tinha muito o que dizer no início daquela década quando a ditadura estertorava, o Brasil abria o ferrolho da janela da esperança e a esquerda ganhava musculatura no campo cultural.

Mas foi também por essas razões que, quando a novela *Amazona* veio à luz, em 1986, um certo silêncio abateu-se sobre ele. Até hoje Sérgio acredita ser o livro um de seus mais incompreendidos. “Houve um certo deboche, mas também boas críticas”, ele admite.

Talvez um dos fatores para o acolhimento um tanto sepulcral do livro

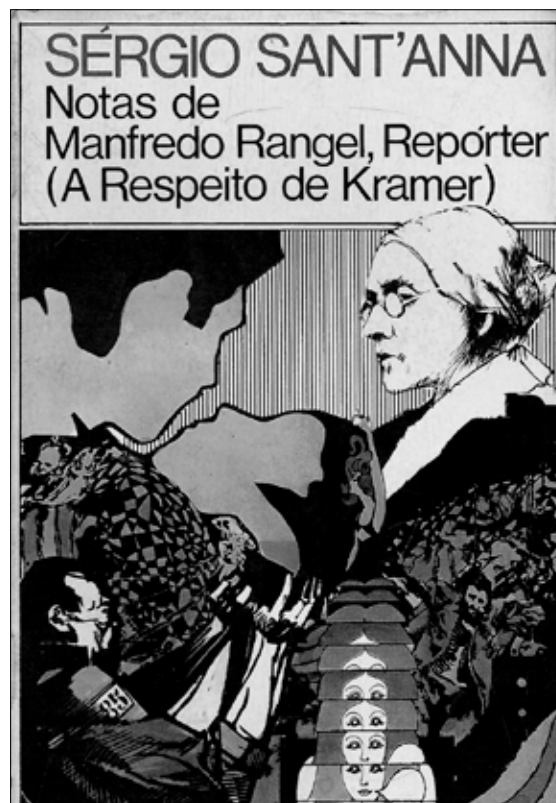
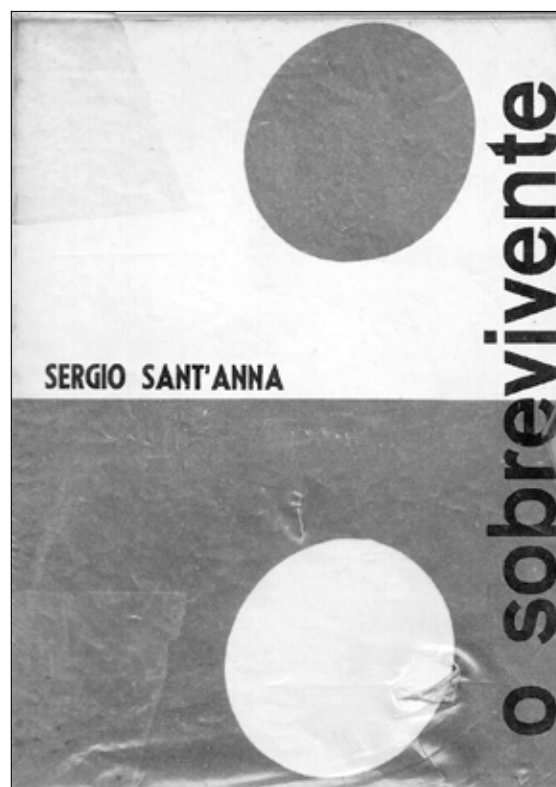
seja o espírito irreverente e crítico que o anima e jamais abandonado por Sérgio Sant'Anna, incapaz de fazer concessões. Dividido em capítulos curtos e nomeados – como nos velhos folhetins do século 19 –, *Amazona* é um livro antecipador do poder que a mulher viria a conquistar na patriarcal sociedade brasileira. Mas é também uma crítica bem-humorada aos best-sellers então sofregamente lidos pelas classes alta e média do Brasil naqueles tempos, como os romances erotizados com protagonistas femininas de Sidney Sheldon, e uma tiração de sarro com o mito indigenista tão caro à nossa tradição literária – desde *Iracema* de José de Alencar, durante o romantismo, à *Gabriela* de Jorge Amado.

A recepção tímida e os poucos leitores devem-se, ainda, a uma certa contraposição da obra aos livros de memórias e testemunhos dos anos de chumbo da ditadura brasileira, que experimentavam um boom de vendas, como *O Que É Isso Companheiro?*, de Fernando Gabeira, e *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva. Sérgio, cuja visão política tende mais ao anarquismo, sempre olhou criticamente para os dogmas da esquerda. Em *Amazona*, ele criou uma hilária célula "terrorista" clandestina chamada OBA (Organização dos Bancários Anarquistas), em torno da qual satiriza a paranoia, a mania de reuniões e outros hábitos das esquerdas.

Mas o mais espantoso dessa fase do autor é a explosão de criatividade. Ao mesmo tempo em que escrevia *Amazona*, compunha *A Tragédia Brasileira*, para alguns e ele próprio o seu melhor livro.

Em tudo contrário a *Amazona*, *A Tragédia Brasileira*, no entanto, dialoga intensamente com o antecessor. Enquanto no primeiro há o exame dos andares de cima da sociedade brasileira, em *A Tragédia Brasileira* tem-se uma análise do térreo, desde as crendices teimosamente enraizadas no inconsciente religioso da nação – episódio central da obra com a morte e canonização popular da menina Jacira – à brutalidade do Brasil profundo – na antológica cena à beira da rodovia Belém-Brasília ou no pai da menina mestiça que ganha a vida como espantalho.

Sérgio rememora um pouco como foi esse período: “Eu estava num momento muito turbulento da minha vida. Frequentava quase todos os dias o teatro, namorava as atrizes, tive uma relação fortíssima com uma delas, e ao mesmo tempo estava fascinado pela turma com que eu andava”.



A turbulência, contudo, era acompanhada da intimidade e do encontro com o teatro de Antunes Filho. Naqueles dias, a companhia de Antunes levava no Rio um marco da dramaturgia brasileira, a adaptação de Macunaíma, de Mário de Andrade, para os palcos. Antunes, mais de uma década mais velho do que Sérgio, abriu perspectivas para a obra do autor. “Eu me deixei impregnar pelo que vi na montagem, ensaios, do Antunes Filho. Isso aconteceu também em *O eterno Retorno*, com a abordagem muito especial de peças do Nelson e, no entanto, nunca saindo do texto do dramaturgo. A dupla Nelson-Antunes está naquela fase, tenho certeza e, que em minha criação do autor-diretor pensei conscientemente no Antunes, que tanto me fascinava.” Antunes morreu em maio deste ano aos 89 anos. A última vez que os dois se viram foi em setembro do ano passado em São Paulo

Sérgio não tem dúvida de que *A Tragédia Brasileira* é um de seus livros menos lidos. Talvez por causa da forma híbrida. “Eu queria escrever uma peça; acho que sempre quis, mas há um componente subjetivo do qual não consigo me livrar na hora de criar e que interfere na hora da escrita de um teatro puro.”

Não se trata de um limite, como o autor faz crer. O caso de Sérgio Sant'Anna é sua inquietação com a forma. Um livro seu é tão diferente de outro que é como se lêssemos dois autores. Claro, alguns traços estão quase sempre lá, como a ironia e o esforço criativo.

Pois depois de *A Tragédia Brasileira*, uma história crepuscular, marcadamente rodriguiana, viria o volume de contos *A Senhorita Simpson*. Seu último livro da exuberante década de 80 era uma espécie de paródia carioca da história da Branca de Neve e os Sete Anões. Um grupo de homens

adultos, mais ou menos bem-sucedidos, frequenta aulas de inglês em uma escola em Copacabana ministradas pela professora do título. *A Senhorita Simpson* é o livro de Sérgio mais vendido até hoje – ele também foi adaptado para o cinema por Bruno Barreto com o título de “Bossa Nova”, adaptação que o escritor renega.

ANOS 1990

A década de 1990 é marcada por três livros diferentes na forma, mas com uma preocupação em comum: a perspectiva da morte. O primeiro

a aparecer é *Breve História do Espírito*, em 1991 – uma curta novela que, lembra Sérgio, “vendeu 15 mil exemplares porque um maluco lá resolveu colocar como obrigatória no vestibular.”

A pequena novela é admirável no que tem de presciência quando um dos personagens diz que “um evangélico chegará à Presidência da República.” A história também antecipa ou reforça a dificuldade de se ganhar a vida escrevendo no Brasil. O protagonista é um jornalista desempregado que, às vésperas de ser pai, submete-se a uma vaga de redator para uma nova igreja evangélica e logo é cooptado para escrever propaganda para um empreendimento funerário.

Quando *Breve História do Espírito* ficou pronto, o autor o levou de presente para o pai. A mãe de Sérgio havia morrido pouco tempo antes. Mas o velho economista aposentado pediu ao filho que escrevesse o nome dela na dedicatória. Sérgio não associa, quando perguntado, o fato de perder a mãe aos livros subsequentes publicados nos anos noventa: *O Monstro* (1994) e *Um Crime Delicado* (1997), mas as situações postas em ambos se assemelham – algo raríssimo na obra do autor.

Em *O Monstro*, um professor de filosofia concede uma entrevista na cadeia sobre sua participação no assassinato – ao lado da amante, que se suicidara – de uma jovem cega. Toda a novela é em forma de entrevista. “Fiquei e ainda sou feliz com o livro até hoje porque a novela título ficou perfeitinha e eu falei nela coisas que me pareceram importantes como a relativização entre o bem e o mal e uma religiosidade que ficou comigo desde a infância”, diz.

A infância, como se verá cada vez mais na sua produção futura, torna-se presença constante. Não por acaso, a segunda história de *O Monstro*, “As cartas não mentem jamais”, é uma das preferidas do autor.

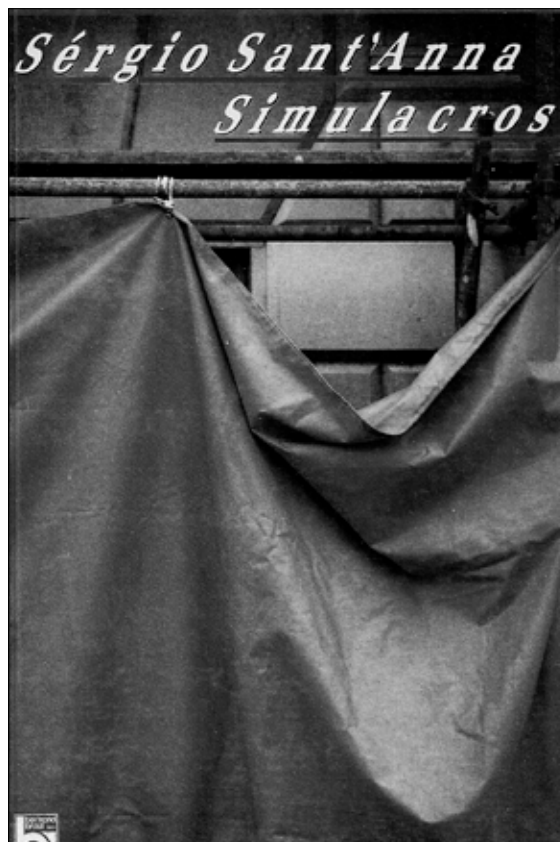
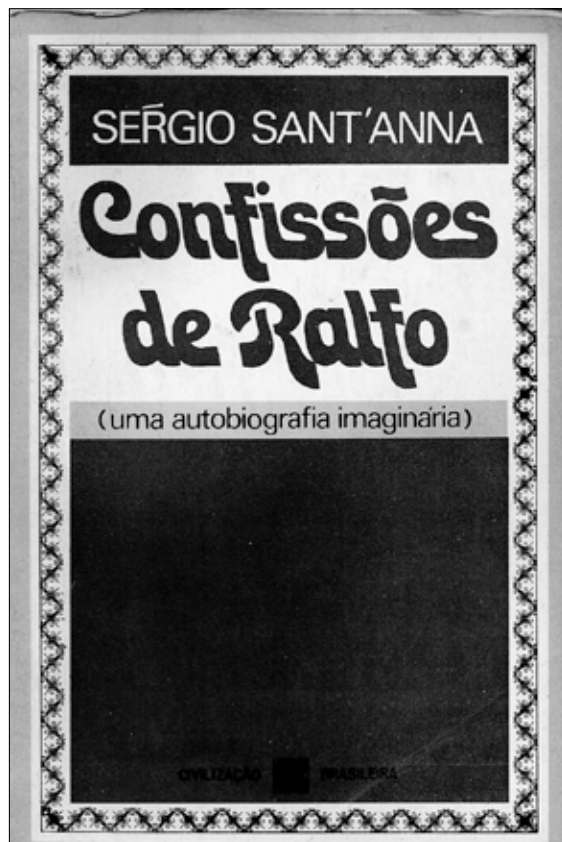
A narrativa é sobre um pianista brasileiro de sucesso internacional relembrando sua infância e adolescência no Rio para uma menina de dezesseis anos com quem passa a noite num quarto de hotel em Chicago. Sérgio mescla o passado do personagem com algumas de suas obsessões artísticas, nesse caso, com o cinema de Godard. “O que mais curto neste livro é este conto. O jogo entre as personagens, os incestos e a invenção de um Godard filmando *O Jogador*, de Dostoiévsky, em Las Vegas, que, ao que eu saiba, ninguém teve até hoje ideia de fazer. Gostaria muito que ele (Godard) lesse a novela. A personalidade que inventei para ele um dia. O texto foi fruto de uma obsessão das coisas escritas e não lidas, mas que estão lá encerradas em envelopes, numa existência virtual e autônoma, a carta fechada e ninguém naquele momento as leu.”

Curiosamente o livro seguinte, *Um Crime Delicado*, também vencedor do Jabuti, tem uma personagem feminina com uma deficiência física. Se, no caso de *O Monstro*, a jovem Frederica Stucker era cega, em *Um Crime Delicado*, Inês é manca. Em ambos os livros é praticado um crime. Outra coincidência é que os dois protagonistas são sujeitos extremamente racionais: um, professor de filosofia, e o outro, crítico de teatro. Com relação às mulheres, Sérgio diz: “As mulheres deficientes pairam como fetiches, coisa que tem muito a ver comigo.”

Anos 2000

O século 21 começou com um ar de renovação na prosa de Sérgio Sant'Anna. Ao invés de se acomodar ou se repetir, pasteurizando uma obra consolidada, reconhecida e premiada, o escritor manteve o espírito de inquietação e inventividade das décadas passadas. O que se observa nessa fase, de par com a costumeira exuberância imaginativa, é um mergulho na infância.

O primeiro e vigoroso sopro é *O Voo da Madrugada* (2003), contemplado com o prêmio Portugal Telecom. O primeiro conto, que dá título ao livro, se passa quase todo no interior de um avião que voa de Boa Vista a São Paulo, carregando, além do autor-narrador, um homem medíocre, abandonado recentemente pela mulher e funcionário de um laboratório farmacêutico encarregado de visitar filiais pelo país, um certo número de cadáveres, vítimas de um acidente aéreo. No meio desse voo aparece uma menina de preto que se senta ao lado do narrador e o beija e, aqui, o fantástico, o sobrenatural, surge entre nuvens em atmosfera fortemente fantasmagórica. Ao chegar à noite em seu apartamento em São Paulo, o personagem se depara por frações de segundo com seu duplo sentado em sua cama. Nesse conto, há um procedimento muito comum em Machado de Assis, o de referir-se sempre ao leitor, ou aos poucos ou ao possível e futuro leitor da narrativa. Sérgio nunca perdeu de vista as lições do



Ao acordar durante a madrugada
e voltar para o quarto depois de
se livrar da fralda suja na área
de serviço, deita-se na cama, vê
pela janela uma estrela brilhar
e começa a pensar que aquela
estrela provavelmente não mais
exista, mas apenas a luz que
chega ao quarto do apartamento
no Flamengo, onde a velha senhora
passa seus dias contados na terra.

mestre, jamais o repetindo, mas invocando-o quando a narrativa exige.

"A Voz", em que, tal como no primeiro, há um desejo de fusão entre corpos, do desejo, da carne e do espírito.

Em "Um conto nefando", há um incesto, uma metafísica, um desafio aos deuses: um filho que encontra a mãe perfumada se enche de ciúmes e a possui à força. Ela se entrega. Depois, no quarto, o rapaz escreve nos braços algumas palavras, pois tem a pretensão de poeta e adora Rimbaud. A mãe aparece e diz que não houve nada entre eles, para depois pedir a Deus que os perdoe e lhe pergunta se não é isso que acontece desde tempos imemoriais, uma mãe e um filho copulando, um ato nefando, inefável...

O conto seguinte, "Um erro de cálculo", onde um homem comum embarca no carro um travesti, confirma a unidade de *O Voo da Madrugada*: um livro de paixões proibidas. Pois esse homem, casado e pai de dois filhos, tivera sua primeira experiência com a irmã, vestindo roupas dela. O mesmo voltaria a se dar com a mulher, em duas ocasiões. A temática se prolongará no extraordinário *Homem-Mulher*, publicado em 2014, marcado pela fixação nas meninas, no despontar do corpo feminino, nos seios pequenos como um par de esporos, e que já existia na menina Jacira de *A Tragédia Brasileira*.

Em "Um conto obscuro", o autor se volta para sua infância, de modo introspectivo, com um sentimento de pequenez e finitude, de vazio e de insignificância, como que num grande e profundo oceano. E não é por

acaso que peixes comecem a surgir nas narrativas, seres marinhos tão cheios de mistérios e revelações como os seres humanos. E nesses contos mostra-se também como eles são rascunhados, como o autor busca o inefável, a procura impossível pela beleza absoluta. São contos crepusculares.

"O embrulho da carne" foi escrito a partir de um crime hediondo que Sérgio leu em 1987 no jornal *O Dia* no qual uma jovem fora estuprada, enforcada dependurada num trem, tendo sido vista por outros passageiros no ramal ferroviário em Bangu. O conto inteiro se passa num consultório psicanalítico com Teresa, uma burguesa que toma remédios. Depois de marcar um jantar com um cara que lhe acudira depois de bater o carro, ela vai pessoalmente ao açougue no lugar da empregada e compra uma peça de filé mignon para fazer um estrogonofe para Ivan, o rapaz daquela noite. Mas ao perceber que o embrulho da carne era o jornal com a notícia e as fotos horrendas do crime em Bangu, entra numa profunda crise e corre ao encontro do psicanalista. Há um profundo tom irônico nesse conto, com o psicanalista Elias devolvendo a Teresa as perguntas que ela gostaria que viessem como repostas. Num acesso de desespero, antes de sair de casa para o consultório, ela põe fogo no jornal em seu quarto e não fosse pela empregada talvez todo o cômodo incendiasse. Ela também liga para o ex-marido, a quem parece gostar como uma posse roubada, mas quem atende é a mulher dele, grávida, coisa que Tereza jamais conseguiu por ter medo, fobia ou nojo de ter carne crescendo dentro dela.

"Saindo do espaço do conto" é uma narrativa transfiguradora, um delírio imerso na morfina diluída no sangue de um jovem dramaturgo em um hospital. Há uma página que é um imenso parágrafo. "No meio da noite", como o conto anterior, também é uma narrativa curta e veloz, com uma menina de quinze anos, talvez sonhando, que cavalga um cavalo em pelo no meio da noite. Todo o livro tem esse traço físico, muito sensorial e sensual, de transcendências de corpos paradoxalmente incorpóreos, pois sonho e realidade se misturam.

"Formigas de apartamento" corrobora a ideia de insignificância humana tão presente em outros contos desse livro com a velha senhora, quase senil, quase cega pelo glaucoma, que depois de fumar maconha com o neto se diverte, vê pequenas formigas e discorre um tanto filosoficamente sobre elas. Ao acordar durante a madrugada e voltar para o quarto depois de se livrar da fralda suja na área de serviço, deita-se na cama, vê pela janela uma estrela brilhar e começa a pensar que aquela estrela provavelmente não mais exista, mas apenas a luz que chega ao quarto do apartamento no Flamengo, onde a velha senhora passa seus dias contados na terra.

"A barca da noite" é dos mais tristes e belos textos do autor. É mínimo e, no entanto, tem duas partes – lembrando os melhores momentos de um dos escritores mais importantes para a formação de Sérgio, o curitibano Dalton Trevisan. Na primeira parte, numa narrativa indireta íntima – com o autor apontando o "você" como se acusando, como se tivesse saído do seu corpo para puni-lo – narra-se a fracassada tentativa de suicídio, a vergonha de não ter conseguido e ter de encarar a família, a sociedade, e o estigma de ter ficado marcado como o sujeito que tem a doença da morte. Essa primeira parte termina com a única possibilidade

de salvação do autor, escrever um conto, e que ele seja belo. E esse conto é escrito ainda mais brevemente na segunda parte quando o autor se imagina na praça indo em direção à estação das barcas de madrugada e vendo sua amada partir nos braços de outro, mas que o autor reconhece como sendo ele mesmo, e pensa em atirar-se ao mar para alcançar a barca que se distancia. Atirar-se significaria tentar se matar de novo e um segundo fracasso seria intolerável.

"O Gorila" é uma novela dividida em três partes sobre um funcionário do judiciário aposentado e ex-dublê em um filme de detetive que teve se afastar da profissão depois de perder os dentes e substituí-los por uma dentadura. Ele passa trotes para mulheres, num misto de sedução sexual e espiritual e acaba enredado numa teia de enganos e engodos, com trocas de identidades, que lembra *Operação Shylock*, de Philip Roth.

O *Livro de Praga* (2011) foi escrito sob encomenda para o projeto Amores Expressos, pelo qual Sérgio foi mandado para Praga, cidade onde esteve como testemunha da primavera de 1968, esmagada pelos tanques do Pacto de Varsóvia. Sérgio aceitou o convite, mas sob a condição de que não obedeceria a prazos para entregá-lo. A espera valeu a pena, pois temas caros ao escritor retornam revigorados nos capítulos da obra. Embora classificada como de contos, os capítulos são costurados com o mesmo personagem em um périplo pelos bairros e museus da velha cidade, compondo um mosaico. A escolha da barroca capital da República Tcheca foi perfeita. Lá, o autor se depara com uma exposição de Andy Warhol, um de seus artistas favoritos – encontro real, mas que serve como gatilho para a imaginação delirante do escritor ao encontrar uma misteriosa pianista e envolver-se com uma série de personagens estranhos – o mais notável talvez seja uma dançarina, meio *stripper* meio garota de programa, com o corpo tatuado com um texto inédito de Kafka – pois afinal, referir-se ao maior escritor de Praga parece incontornável. Mas Sérgio o faz sem forçar a barra, e o encontro entre o narrador e a dançarina é perfeitamente verossímil e de grande potência criativa.

Páginas sem Glória (2012) abre com "Entre as Linhas", um conto sublime no qual o autor pede a uma amiga, ex-amante, ex-namorada, que leia sua mais recente novela. Ela começa a lê-la e faz observações sobre a obra, de modo a se tornar o conto uma autocrítica da produção de Sérgio.

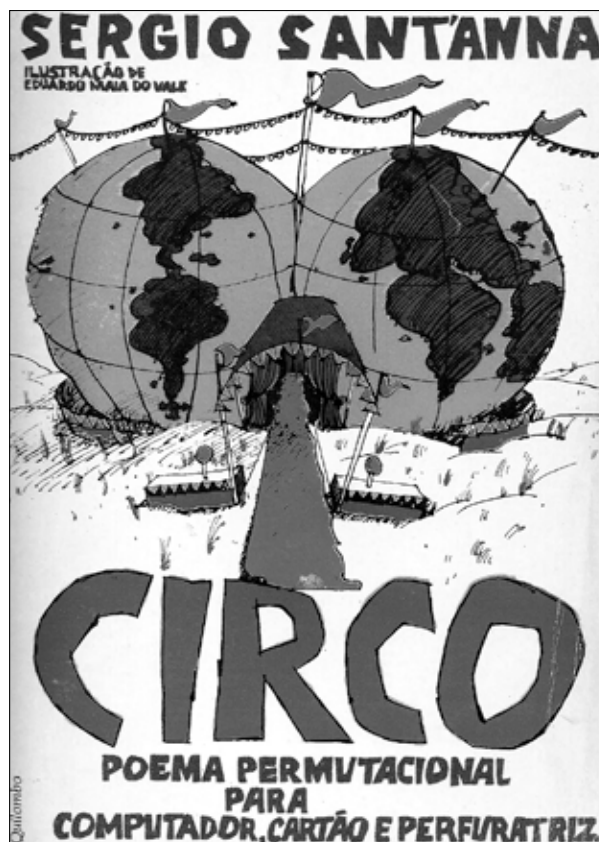
Em "O Milagre de Jesus", um mendigo de nome Jesus está na igreja e é confundido com o próprio Jesus Cristo por uma senhora aleijada que lhe conta como foi explorada por um anão e um caso nefando de três jovens playboys da zona sul que a estupram por uma aposta. Ela pede a Jesus que lhe perdoe e oriente. A história é narrada por Jesus a, talvez, outro morador de rua, chamado Francisco, quando se dá uma virada surpreendente: um jovem casal – ela, Ana Maria, cineasta brasileira descolada, e

ele, Peter, canadense – está filmando Jesus, de modo que tudo pode não passar de uma representação, como se na vida nada pudesse ser mais real, senão uma grande encenação, o que é o cerne da obra de Sérgio.

A novela título do livro é um pequeno grande épico do futebol brasileiro, a história de José Augusto, o Conde, playboy de família quatrocentona paulista, morador da Gávea, que vai jogar no Fluminense. Sérgio esboçara sua trama havia muitos anos, mas como precisasse de pesquisa histórica a arquivou. Com a chegada da internet, a narrativa foi concluída. E nela se misturam ficção – pois o personagem Conde é inteiramente inventado – com as lembranças do autor menino acompanhando o Fluminense Futebol Clube, uma de suas paixões. E o resultado é uma extraordinária ficção sobre o futebol – tema de outras narrativas do autor, como "Na boca do túnel".

É curioso como Conde, vindo de uma família aristocrática de São Paulo, um homem bem criado, de boas maneiras, que sabe se comportar à mesa, tem ao mesmo tempo a malandragem dos "de baixo". A narrativa tem uma arquitetura histórica subentendida: o futebol brasileiro profissionalizado àquela altura do século, e Conde ainda mantendo a malandragem e o descompromisso de um boleiro de areia que gosta apenas de se divertir. Vindo de um jogo fora do Rio, ao invés de desembarcar na cidade, onde dirigentes do Fluminense o aguardavam no aeroporto, desce em Paris e vai ao Louvre, onde se encanta com a Vênus de Milo – "a única mulher da qual me aproximei em Paris", ele responde ao ser interrogado se não se atirou na zona de prostíbulos. Está-se de volta à ironia, ao bom-humor, que nunca abandonaram a obra do autor.

Aqui o livro *O Homem-Mulher* (2014), e a novela que lhe dá nome, dividida em duas, a que abre e a que fecha o volume, diz muito da obsessão





de Sérgio pela sexualidade, sua ambiguidade e ambivalência. A primeira parte conta a história de um menino que descobre o prazer de vestir-se de mulher, mas não se trata de um travesti. Ele mora em Belém e tem sua primeira experiência num carnaval. A segunda parte mostra o personagem no Rio de Janeiro para onde se muda e sonha em fazer teatro. Sobram ironia e acasos, pois Sérgio sempre foi amante dos acasos e gosta de lembrar a história do Grande Vidro de Duchamp, o qual o artista só deu por encerrada quando, por acidente, o vidro rachou.

"Lencinhos" é uma curta novela de alta voltagem sexual e aponta novamente para os mecanismos duchampianos do sexo, sua parafernália, pois o aposentado e divorciado Teophilo transa com a dentista depois de uma sessão e pensa que o inventor da cadeira de dentista para fins sexuais mereceria ganhar o prêmio Nobel. Mas intervém a proximidade da morte, no caso a do marido de Manoela, vendedora de lencinhos que ela mesma borda, que conhece Teo no Largo do Machado. O marido, um economista sem emprego, está com câncer e tem poucos meses de vida. Ao ver Teo, planeja para que sua mulher se case com ele após seu falecimento.

O "Rigor Formal", a mulher do escritor Fernando resolve traí-lo com um estudante de mestrado e diz, numa carta que irá colocar na internet, num site cultural, que a última vez que ele, o marido, a comeu, lamentou ter perdido o resto do dia para a literatura. Nesse conto há uma incrível mordacidade em relação ao escritor de "sucesso", fingindo-se de sério, explodindo de vaidade pela adaptação de uma obra sua para a televisão e ansiando por uma candidatura à imortalidade na Academia Brasileira de Letras.

"As Antenas da Raça" é uma das narrativas mais enigmáticas de

Sérgio. Uma embaixatriz recebe convidados em seu duplex na Avenida Atlântica e, durante o jantar, encontra na sua sopa uma barata, com suas formas que alguns críticos viam até como inspiradoras de Mondrian. E remete, não há dúvida, à simbologia presente na famosa barata da Clarice ou no inseto de Kafka.

E depois de duas curtas narrativas, "Baleia" e "Tubarões", Sérgio volta a um episódio que se apresenta em vários momentos na sua ficção: a relação apaixonada do casal que se isola numa casa em Venda Nova, na periferia de Belo Horizonte, no conto "Eles Dois".

É a partir de *O Conto Zero* (2016) que o autor mergulha em suas memórias, recriando a infância em Botafogo, sua família, sua mãe religiosa, seu pai professor de economia e a viagem que fizeram para a Inglaterra, onde o pai fez pós-graduação na London School of Economics, e Sérgio e seu irmão Ivan perambulavam pela cidade matando aula e se divertindo. E, depois, um giro pela Europa e a volta a partir de Lisboa, num navio pequeno, durante dez dias até chegar ao Rio, viagem cujo ponto alto foi avistar as luzes de Fernando de Noronha e, talvez, o ponto baixo seja a chegada ao Rio sob forte nevoeiro, onde foi matriculado no colégio interno dos padres maristas.

Em "Flores Brancas", Sérgio volta à relação já contada antes em "Eles Dois", quando o narrador, casado há mais de dez anos e com dois filhos, conciliando o emprego público com aulas de comunicação na PUC, conhece e se apaixona por uma aluna mais nova e vai viver com ela numa casinha em Venda Nova, um fim de mundo na ainda provinciana Belo Horizonte. A relação é intensa. Sérgio introduz, bem no meio do conto, um trecho inteiro de ficção: a violência que explode uma noite na capital mineira em razão do atraso de ônibus e a morte de um funcionário da empresa viária, esturricado dentro da guarita na qual atiraram querosene e fogo. E relaciona a violência da cidade com a da vida conjugal.

"O Presépio" é pura ficção, pois Rogério, após obter uma licença médica do trabalho nas Lojas Panamericanas em função de uma crise de estresse, sobe a rua das Laranjeiras e depara-se com uma mendiga com um menino de três anos chupando-lhe os peitos. Rogério suspeita que a mãe andrajosa e do menino crescido demais para mamar estejam representando por conta dos seios rígidos da mulher jovem, e sobretudo por ser época do Natal e a cena invocar um presépio. Tudo parece uma representação – como se vê em toda a arte de Sérgio.

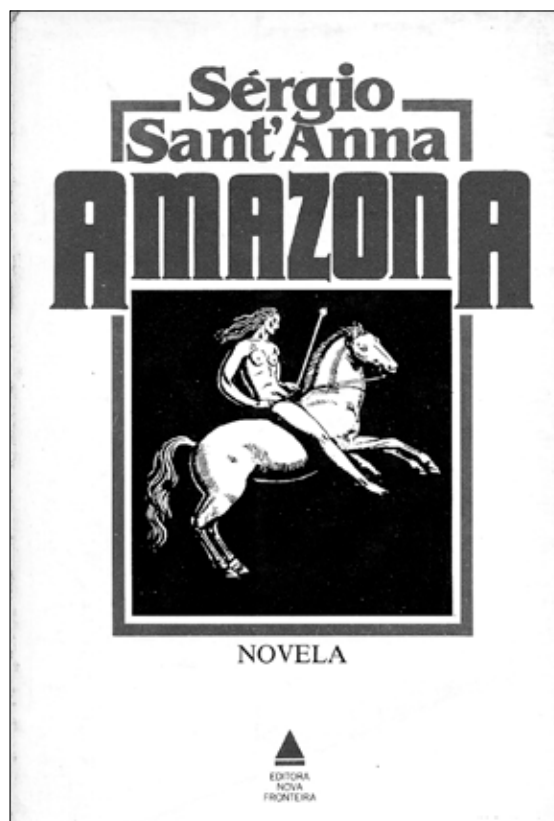
Em "A Bruxa", o autor vê entrar pela janela uma enorme e escura bruxa que o remete ao medo imposto na infância pela superstição de que o inseto dentro de casa seja prenúncio de morte na família. E o autor revive seus dias de criança criada não muito longe dali e de onde se via o Cristo que ele próprio confundia com Deus. Mas o autor resolve ser irônico e apelida a bruxa atual de Brunilda. E logo passa a pensar no congresso literário em Bogotá, para o qual Clarice Lispector fora convidada sob a condição de não ter obrigação de dizer nada, mas no qual

leu seu conto "O Ovo e a Galinha". Então o autor se lembra de uma visita que fez a Clarice em 1975, quando ainda morava em Belo Horizonte e fora ao Rio para lançar um livro (*Confissões de Ralfo*) e como fora recebido e logo se apaixonara pela autora que tinha mais de cinquenta anos de idade e exibia as marcas e cicatrizes da grave queimadura que sofrera ao adormecer na sala enquanto escrevia com o cigarro aceso, incendiando o sofá, e de como ela o achara um homem bonito e o convidara para acompanhá-la a uma pequena reunião no dia seguinte em casa de Affonso Romano de Sant'Anna e Marina Colasanti, em Ipanema. O autor, orgulhoso de chegar à festa ao lado de Clarice, decepçiona-se rapidamente ao sinal da escritora, previamente combinado, para irem embora – ela lhe alertara que apanhara fobia de eventos sociais. Voltando ao presente, com a bruxa Clarice dentro de seu quarto quando acorda no dia seguinte, ele sobe de bondinho até o Cristo e contempla de lá a rua em Botafogo onde passara a infância e a sua rua das Laranjeiras. E corre de volta à casa para ver se a bruxa ainda lá se encontra, pois é por isso que anseia. Constata que ela já foi embora, mas ele crê notar o pó de suas asas.

Em "Bastidores", o autor revê sua infância na rua Cesário Alvim, em Botafogo, e relembra as brincadeiras dos meninos – polícia e ladrão, futebol com bola borracha, briga de pedras, e as meninas pulando amarelinha ou corda. Relembra o caso de uma menina que desmaiou ao quase ser atropelada e salta ao futuro, quando escreve um livro ficcionalizando a cena. Ele, o menino, metamorfoseado em poeta apaixonado que olha a menina, e recria um carro dirigido por um playboy que breca a poucos centímetros do corpo dela, que o autor coloca como paralisada por notar estar sendo observada por um negro de um terreno baldio.

O Anjo Noturno, de 2017, é o livro mais recente de Sérgio Sant'Anna. Velhas obsessões retornam, como a noite, o crepúsculo, a chuva e o voo – é bom lembrar que Sérgio sempre gostou de voar tendo tido aulas de pilotagem em Belo Horizonte. E nunca gostou de carros e estradas, devido a um acidente quando criança no carro do pai na antiga rodovia Rio-São Paulo.

Mas o livro não começa com uma história de lembranças, mas com o belíssimo "Augusta", no qual um professor de história de trinta e um anos e uma produtora musical de trinta e três se encontram por acaso numa festa em um apartamento em Copacabana, cuja anfitriã é advogada de ambos. Rola um clima, eles deixam a festa e vão até a Atlântica onde a mulher mora de graça num apartamento em processo de inventário e lá transam. O apartamento era de Carlos Rodrigues, um milionário ou herdeiro, pintor realista amador, que se matou e que viveu ali até o fim amargurado, sofrendo com o abandono da amante, Augusta. No apartamento, no



quarto do suicida, há um quadro de consideráveis dimensões de Augusta nua e um rasgo na altura do coração, feito provavelmente por Carlos. E os dois são seduzidos por essa história de amor.

Em "Um Conto Límpido e Obscuro", o autor tenta eternizar o que é fugidio ao receber a visita, dois anos e meio depois de terminado o relacionamento, da artista plástica com quem teve uma intensa relação. Ela chega ao seu apartamento para mostrar-lhe o projeto de uma instalação para o MAC de Niterói e ele relembra seus anos com ela, a intensidade do feminino em seu trabalho e a voracidade com que se entregou a ela, tendo isso o levado a perdê-la. Tudo se torna obscuro para ele, que procura a limpidez ao transformar a relação em um conto, em arte.

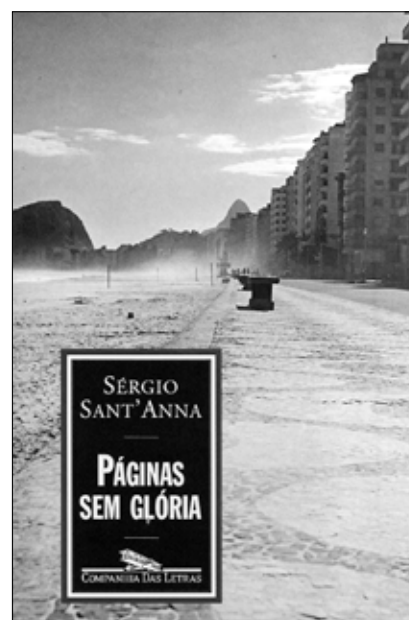
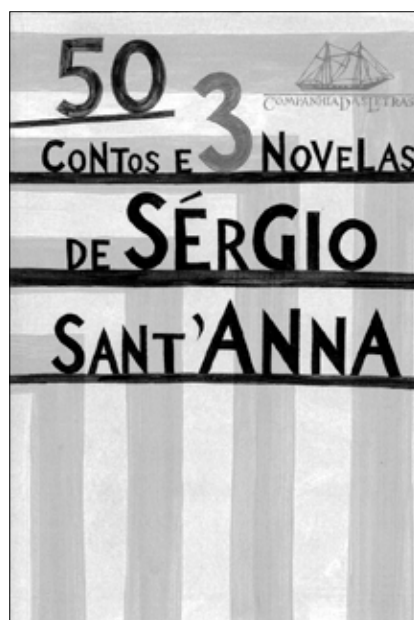
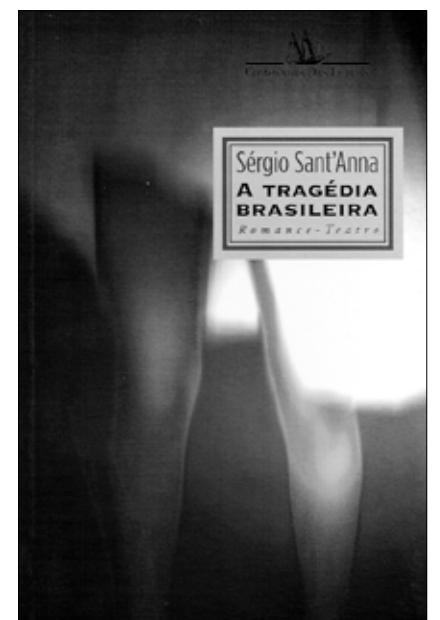
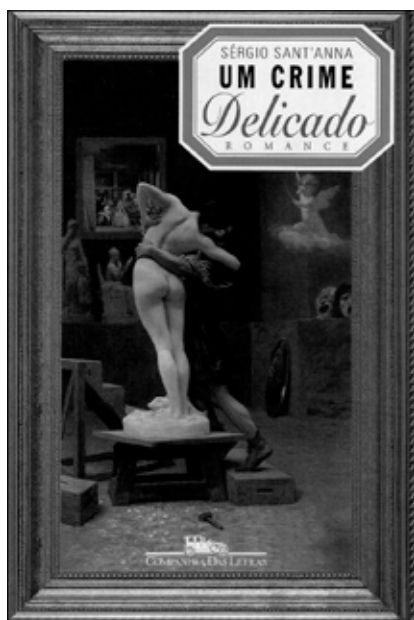
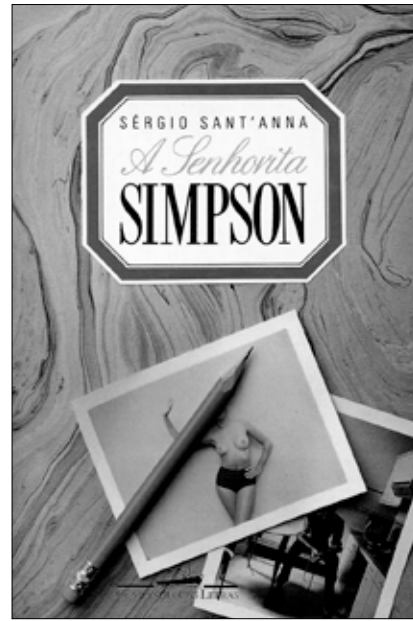
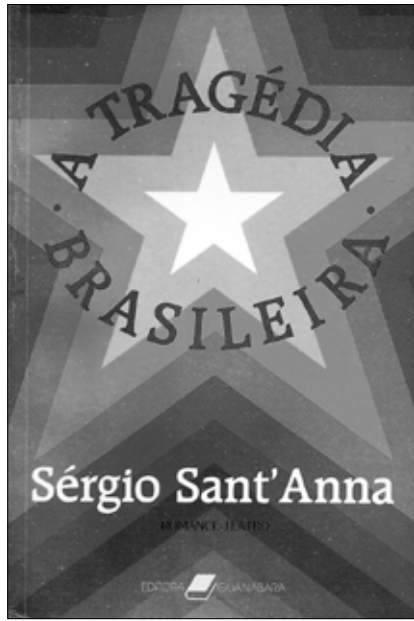
"A Mãe" também é dividido. Na primeira parte, o autor narra a descoberta de um segredo: sua mãe tivera um filho antes de se casar com seu pai. O bebê foi dado à adoção para a irmã da Bó

– uma velha criada citada em outras narrativas –, é visitado todos os dias pela mãe num barracão no morro Dona Marta, em Botafogo, mas morre em pouco tempo. O pai, que sobreviveu à esposa, lhe revela o segredo, sabendo que ele já o sabia. Neste ponto a narrativa é cortada e entra a história do irmão da mãe, Carlos, falecido no final dos anos 30, com vinte e poucos anos, depois de dois anos em um sanatório, e que o autor não conheceu. Sérgio conserva um retrato de Carlos na sala de seu apartamento de quando ele era goleiro do time amador do Fluminense que ganhara o campeonato de 1932. Por ser muito magro, seu apelido era Secura. Nesse trecho são evocados outros mortos, como uma tia de Sérgio, vítima de peritonite ainda criança, e principalmente a cafuza Bó, que criara a mãe e os tios de Sérgio – filha de ex-escravos que trabalhava dia a dia, que dormia numa esteira junto à cozinha e fora enterrada no túmulo da família.

Em "A Rua e a Casa" volta à rua Cesário Alvim, número 10, a casa da sua infância onde moravam seus pais e seus dois irmãos, sendo Sérgio o mais novo. As lembranças das brincadeiras de rua, do cheiro dos jasmineiros, dos cantos das cigarras, da melodia da Ave Maria tocada nas rádios, mas também do suicídio de um rapaz que morava na rua Davi Campista, e depois o quase atropelamento de Raulzinho, que lhe serviria mais tarde para compor a Jacira, a menina atropelada, morta e beatificada pelo povo em *A Tragédia Brasileira*.

Aqui também se recorda o autor de que era amigo do neto de Oswaldo Aranha, o Ilzinho, com quem um dia brigara, do acidente de carro com a família na antiga Rio-São Paulo, na volta de um fim de semana em Itatiaia, e Getúlio Vargas, que de volta ao poder pelo voto, passava em carro aberto acenando pela rua São Clemente em direção ao Jóquei Clube.

E, por fim, "O conto fracassado" em que o autor vai se dando conta,



num longo rascunho, num incansável bosquejo, da sua tentativa de abraçar o mundo sem consegui-lo, lembrando de vários episódios já conhecidos do leitor e que marcam sua biografia, acrescidos de alguns detalhes como o fato de Sérgio ter saído de Belo Horizonte depois de um relacionamento intenso e destrutivo com uma mulher.

Dessa usina de criatividade, convém lembrar dois livros pouco mencionados na bibliografia do ficcionista carioca. O primeiro é *Circo*, editado pelo amigo Fernando Brant com ilustrações de Eduardo Maia do Vale, em 1980, e cujo subtítulo — “poema permutacional para computador, cartão e perfuratriz” — já antecipa o jogo debochado, zombeteiro e a forma híbrida de um poema no qual os versos de acento satírico são misturados, imbricados, mudam de lugar, acompanhados sempre pelo refrão sarcástico “Ra, ra, ra, riu o público!” Uma pena o pequeno volume não ter sido comercializado — Sérgio o reservou apenas para os amigos. O segundo é o delirante e excelente *Junk Box*, cuja primeira edição, de 1984, teve orelha de Affonso Ávila. Mas foi em 2002, com uma edição e design caprichadíssimos do poeta e editor Sebastião Nunes, que o livro chegou aos leitores. *Junk Box – uma tragicomédia nos tristes trópicos* — é uma grande e sofisticada brincadeira. Talvez seja a obra mais duchampiana de Sérgio, que abusa de trocadilhos desde o título, e se farta em ironia com uma pluralidade de formas para criticar o país. Brant e Tião — como os amigos são conhecidos — são o que Sérgio considera dois grandes parceiros, quase coautores, dessas duas obras radicalmente experimentais.

Para quem pensa que Sérgio Sant’Anna parou basta ler os contos que vêm publicando em periódicos brasileiros, principalmente na revista *Época* — como fazia no passado em revistas como a *Status* —, para se constatar que, longe de se repetir ou mergulhar de volta à infância e adolescência, o autor revela a mesma inquietação e rigor que o marcaram ao longo destes cinquenta anos. Sérgio disse ao *Suplemento* que a fase memorialística, se não chegou ao fim, já esmoreceu e que tem escrito contos com a mesma intensidade de antes. Intensidade não significa em seu caso pressa. Seu processo é lento, mas contínuo e desde o início obedece à mesma ordem: inicialmente esboça a história à mão, depois a transcreve para o computador. Um ritual que se repete todos os dias em seu apartamento em Laranjeiras, mas que não o impede de seguir indignado. O autor descobriu no Facebook uma tribuna para provocar e reclamar da situação do país, para elogiar um autor, sugerir um livro ou um filme. Por falar em filme, este ano ele assistiu ao maravilhoso “Imagem e Palavra”, o mais recente de Jean-Luc Godard, o cineasta admirado por Sérgio talvez por ser tão inclassificável e exuberante quanto ele próprio.



JOÃO POMBO BARILE

paulista de Campinas, é jornalista e Coordenador de Promoção e Articulação Literária do SLMG.

ANDRÉ NIGRI

mineiro de Belo Horizonte, é jornalista e escritor, autor do romance *Paralisia* (Ed. Reformatório, 2018).

A HISTÓRIA DO MEU PAI

ANDRÉ SANT'ANNA

O Sérgio Sant'Anna é meio maluco e é meu pai. Eu nem sabia ainda o que era literatura, o que era um escritor, o que tinha dentro daquele livro bege e branco que tinha um monte lá em casa, que era *O Sobrevivente*, que, na verdade, eu nunca parei pra ver direito, pra ler direito. Mas, quando *Notas de Manfredo Rangel, repórter – a respeito de Kramer* saiu, eu tinha uns 8 anos de idade e já sabia ler e fui convocado para ilustrar um conto do livro – “O pelotão” – que eu li, mas acho que não entendi direito, não entendi o final, mesmo já entendendo bem o que é um fuzilamento, que eu já tinha visto na televisão, em filmes de guerra, ou em algum banguê-banguê, e televisão era algo bem mais divertido que os agrupamentos de palavras de um livro. Na minha opinião, faltou um pouco mais de violência, em “O pelotão”, mas eu acabei desenhando um pelotão que era mais parecido com os pelotões da televisão e fiquei todo animado ao ver o meu desenho no jornal, mesmo no *Suplemento Literário*, que era um jornal que, na minha escola, ninguém conhecia.

Notas de Manfredo Rangel, repórter – a respeito de Kramer, eu diria que foi o primeiro livro adulto que li na minha vida e fiquei muito impressionado com o conto “Pela janela”, que eu entendi e percebi que tinha entendido e que, na literatura, havia coisas para serem entendidas

e que o meu pai queria dizer algumas coisas. E “No último minuto”, que era sobre futebol, o goleiro vendo o replay do frango que tinha levado no último minuto da decisão do campeonato e eu já gostava muito de futebol, eu só pensava nisso, e fiquei todo animado. E tinha também os contos doidões, o da visita ao museu, “Composição I e II”, meio estranhos, que, embora eu não tivesse idade para compreender intelectualmente, deu pra sacar direitinho as paradas, perceber que havia coisas diferentes por aí, coisas inexplicáveis que meu pai tentava explicar e tal. Essa procura toda. Essa angústia.

Quando saiu *Confissões de Ralfo*, eu já era o George Harrison e o livro era todo psicodélico, e eu ficava ouvindo o “Dark side of the moon” o tempo todo, e o Clube da Esquina, e a cidade do livro era Gotham City e, além de ser George Harrison, eu era também o Batman, e, nessa época também, setenta e poucos, eu comecei a ouvir as histórias da ditadura militar, as torturas e tal, e, no Ralfo, tinha o trecho do “Interrogatório”, que dava medo, sei lá, podiam prender o meu pai pelo conto, sei lá, mas eram engraçadas as perguntas dos torturadores, os temas das perguntas e eu pensava nos meus professores da escola me torturando, a minha professora de português, que eu amava, me torturando. Uma coisa que é meio perdida por aí é

a gravação de um poema, que tem no *Confissões de Ralfo* – “Eu sou uma preta velha, aqui sentada ao sol” – com a Nana Caymmi falando o poema e o Milton Nascimento cantando horrores, improvisando, creio, é demais mesmo. E o livro todo, a história toda do Ralfo, quase uma “Alice no País das Maravilhas”, uma “Alice em Gotham City”, maluco.

É mesmo uma tolice aquele papo de neguinho, de que só há dois tipos de literatura – a boa literatura e a má literatura. Boa arte e má arte? Eu já era adolescente, ou quase, quando saiu o *Simulacros* e eu já lia alguma boa literatura e muita má literatura divertida e, no meio, *Confissões de Ralfo*, que era diferente de tudo, e, então, veio o *Simulacros*, que era diferente de tudo e diferente do Ralfo. Aí tem aquela história do Godard, de que “cultura é regra, arte é exceção”, e eu nem sabia do Godard ainda e percebi isso – as diferenças entre os quatro livros do meu pai, àquela época. Eu imaginava a Vedetinha, os grãosinhos de arroz nos pelos pubianos da Vedetinha, no *Simulacros*, e o Dr. PHD me deu vontade de conhecer, de entender Freud, e o Jung, essas paradas da representação que fazemos de nós mesmos, da persona com a qual nos vestimos, essas paradas.

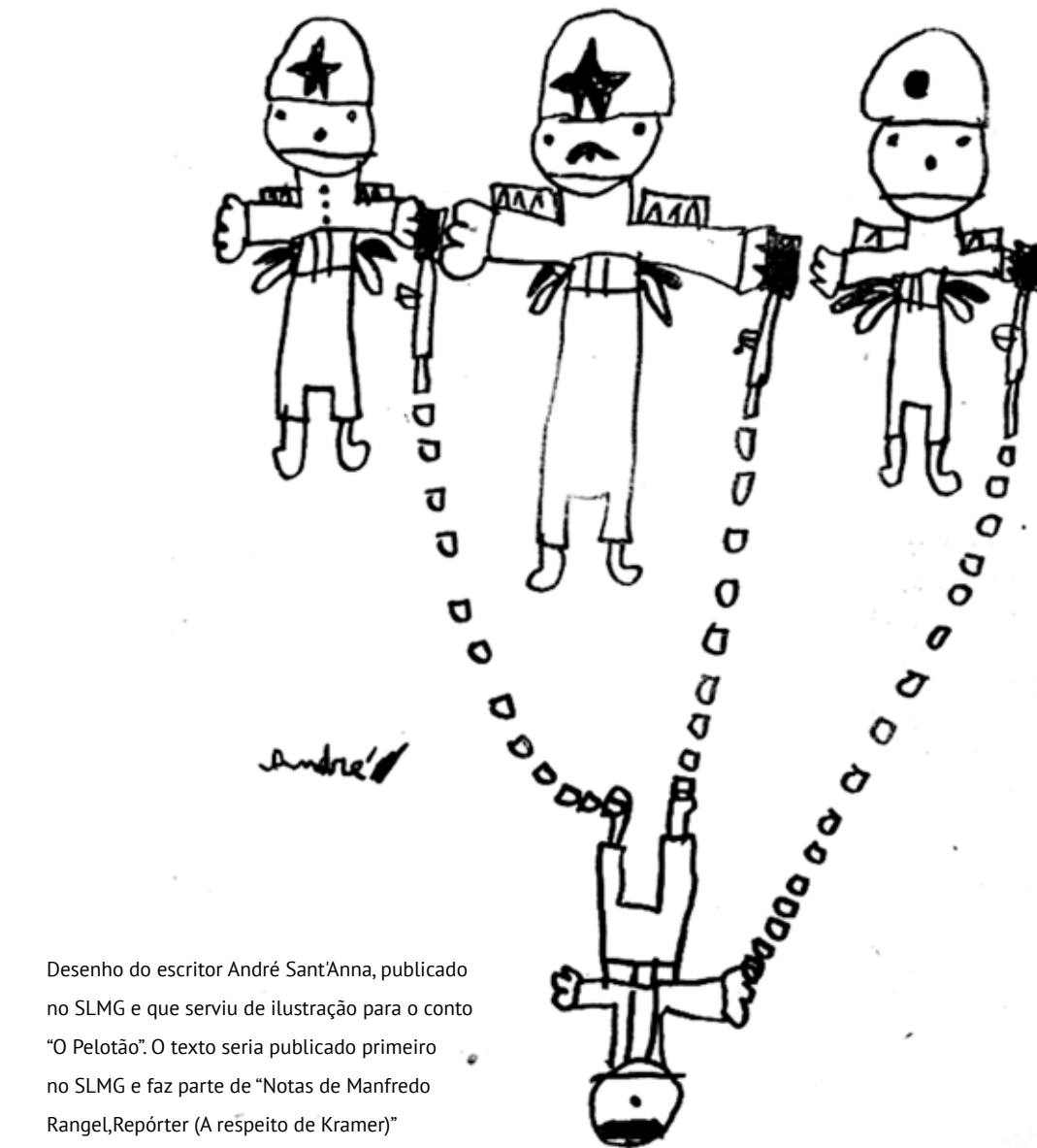
Eu não conseguia enquadrar a literatura do meu pai junto com as outras literaturas que

eu estava começando a ler. Só algum tempo depois, eu comecei a conhecer outras literaturas que não se encaixam em lugar nenhum. Literatura de exceção?

Quando eu fui morar com o meu pai no Rio de Janeiro, em 1979, ele tinha abandonado a literatura, nunca mais iria escrever um livro, que escrever livros era mesmo uma coisa péssima, de doer, e escreveu *Um romance de geração*, que era meio que ele mesmo tomando Old Eight, meio que na crise dos 40, peça de teatro? E escreveu *Junk Box – Uma tragicomédia nos tristes trópicos*, poesia?, que depois, com o Tao e Qual, a gente fez um troço muito louco experimental transgressor de vanguarda conceitual, ópera? E mais um pouco tempo e saiu *A tragédia brasileira*, romance?, teatro? A Bia Lessa montou *A tragédia brasileira*. E *Amazona*, que é um livro pop, que, me lembrando agora, me traz memórias emocionantes, do Rio de Janeiro no “Verão da abertura”, quando o nu frontal foi liberado nas revistas de mulher pelada.

A senhorita Simpson saiu quando eu já estava quase deixando de morar com o meu pai, quando eu fui morar na Alemanha, e, nesta altura, já não sei se vou conseguir continuar enumerando os livros pela ordem, nas datas certas. Mas, quando eu estava na Alemanha, numa época sem internet, computador, livro em português muito raramente, me chega uma cópia xerox dos originais datilografados do conto “Uma breve história do espírito”, que é um dos contos do meu pai que mais gosto, porque é engraçado e cheio de angústia, de espírito pueril e profundidade filosófica. E, no mesmo livro, saiu também um outro conto, que era uma aula de um professor como meu pai era, na Comunicação da UFRJ, na Praia Vermelha, e eu me lembro dele preparando as aulas, o nome do conto, lembrei, era “O ovo cósmico”, e ainda um terceiro conto. Meu pai publicou uma sequência de livros assim, com três contos/novelas em cada volume, que mais uma vez, eram contos diferentes dos anteriores, diferentes de tudo.

E teve mais uma vez que o meu pai parou de escrever definitivamente, porque escrever é uma dor enorme, e escreveu *O voo da madrugada*, cheio de badtrips e de uns contos malucos, diferentes dos contos daqueles livros



Desenho do escritor André Sant'Anna, publicado no SLMG e que serviu de ilustração para o conto “O Pelotão”. O texto seria publicado primeiro no SLMG e faz parte de “Notas de Manfredo Rangel, Repórter (A respeito de Kramer)”

com três contos/novelas, uma série: “Conto nefando”, “Conto abstrato” etc. tudo novo, de novo. Lembro do meu pai me dizendo que *O voo da madrugada* era seu último livro e depois escreveu até agora mais uns quatro, com um monte de contos que são diferentes de tudo, teve *O livro de Praga*, que são contos que formam um romance? E *Páginas sem glória*, que, por muito tempo, meu pai me disse que tinha uns esboços na gaveta e eu tinha certeza de que *Páginas sem glória* seria sensacional.

E, ai meu Deus do Céu, eu esqueci de *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro*, do conto do técnico do São Cristóvão com pensamentos profundos acerca do futebol, da vida. No conto, o São Cristóvão faz o gol de honra numa goleada sofrida contra o Flamengo, um gol que era uma jogada que o Rivelino fazia com o Gil, um lançamento de longa distância, para o Gil, que aparecia de surpresa na cara do gol. E o

conto que dá nome ao livro, *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro*, que é meio autobiográfico, meio delírio, cheio de pensamento, fala daquela época em que eu estava chegando ao Rio de Janeiro e eu estava começando a entrar no barato, no Circo Voador e eu apareço lá, com um boné que eu tinha na cabeça, voltando do ensaio do Antunes Filho dirigindo o Macunaíma, puxa vida, meu pai lá, procurando something, que nem o João Gilberto sempre fez.

Meu pai parou de escrever definitivamente, mas está escrevendo.

Que mais?

ANDRÉ SANT'ANNA

mineiro de Belo Horizonte, é publicitário e escritor. Publicou, entre outros, os livros *O paraíso é bem bacana* (2007) e *O Brasil é bom* (2014), ambos pela Companhia das Letras.



COMO SE FOSSE 1969

SEBASTIÃO NUNES

A política fervia. O pau da ditadura comia. A gente discutia e bebia. A literatura, a música, o teatro e o cinema subiam pelas paredes.

Indo de lá para cá, Seo Olímpio olhava de banda e seguia em frente, manquitolando. De vez em quando fazia uma pausa para uma tragada no cigarro. Ou uma golada na pinga. Não exatamente na nossa frente, mas também não excessivamente disfarçado.

Às 19, às 20 e às 21 horas Sérgio se levantava culpado e dava um telefonema para casa, dizendo que chegaria atrasado para o jantar. Do lado de lá, Mariza concordava. Fazer o quê? A lengalenga do atraso se repetia, como se a desculpa aliviasse a consciência culpada do Sérgio.

Cúmplices de copo, papo e desculpas, eu olhava para Adão que olhava para Vieira que olhava para Vilela que olhava para Milton, que olhava para Valdimir, que olhava para Henry que olhava para... os comensais eram fluidos, os candidatos a artista se revezavam.

Adão era o poeta Adão Ventura. Vieira era o ficcionista e ensaísta Luís Gonzaga Vieira. Vilela era o contista Luiz Vilela. Milton era o cineasta Milton Gontijo. Valdimir era o poeta Valdimir Diniz. Henry era o poeta Henry Corrêa de Araújo. Quem viveu aqueles tempos se lembra deles.

Enquanto isso, no bar do outro lado do amplo saguão, o Lua Nova, Murilo Rubião, José Nava, Isaias Golgher, Wilson Leão e eventuais convidados (me lembro de ter visto entre outros o editor Jiro Takahashi) dedilhavam prosa e cantarolavam cervejas.

Nossa turma, a dos novatos, aspirantes, pretendentes, aprendizes e pretensiosos poetas, prosadores e cineastas habitávamos uma mesa confusa na Cantina do Lucas, na parte de baixo do edifício Arcangelo Maletta, mais perto da rua, da zona, dos ônibus e dos táxis.

Sozinho numa mesa, Moacyr Laterza se embebedava por conta própria, como sempre. Sozinho noutra mesa, Macário (que era só Macário e bancário) escrevia versos-pensamentos-dísticos que de vez em quando lia para um de nós, ficando feliz com a simples audição, sem pedir aprovação. Toda noite, na hora de pagar a conta, Adão exibia a mesma nota de 100 cruzeiros e, como não havia troco possível entre bebedores de cerveja e Old Eight, ele nunca pagava.

Mas estamos em 2019, os tempos são outros, embora parecidos na penumbra e no mormaço direitista que nos envolvem, e eu fiquei de escrever um depoimento sobre Sérgio Sant'Anna, meu amigo há 50 e poucos anos, digamos 53 para arredondar.

No início de 1973 me mandei para o Rio de Janeiro. Fiquei lá até o final de 1968, totalizando seis anos quase completos.

Em algum mês de 1974, ou 75, Sérgio se mandou para o Rio de Janeiro, separado de Mariza, recém-casado em Venda Nova com Letícia, pai de duas crianças, Paula e André, e dois livros que aos poucos o elevavam à altura que prometia alcançar.

Pois toda essa introdução é só para confirmar que tenho um pacote de cartas recebidas do meu amigo carioca-mineiro-carioca Sérgio, que guardo desde então, sendo que então é o período que vai do início de 1973, com uma pausa de um ou dois anos quando moramos ambos no Rio, até creio que 1990, quando o computador e os e-mails mataram a correspondência por carta.

Digamos que é muita carta. Talvez uma ou duas por mês durante quase 20 anos, nas quais eu e Sérgio continuamos o papo iniciado nas mesas da Cantina do Lucas. O assunto preferido era, e continuou sendo, falar mal de colegas de literatura ou de artes próximas.

Para você ter uma ideia do nível de maledicência que escorria pelas veias abertas de nossas máquinas de escrever, lembro apenas que:

Nossa turma, a dos novatos, aspirantes, pretendentes, aprendizes e pretensiosos poetas, prosadores e cineastas habitávamos uma mesa confusa na Cantina do Lucas, na parte de baixo do edifício Arcangelo Maletta, mais perto da rua, da zona, dos ônibus e dos táxis.

Muitos e muitos anos depois, nosso amigo comum Fabrício Marques organizou um livro em que tentava me dar um pouco mais de gás do que estou acostumado. Naturalmente, uma das ideias óbvias foi incluir, entre tantas outras que enfeitam o livro, uma carta do Sérgio, selecionada por nós e com a aprovação dele. Pois a carta simplesmente não saiu, pelo mais elementar dos motivos: todas eram explosivas demais para figurar num livro ou mesmo ser publicada por qualquer meio.

Hoje continuam explosivas e, de certo modo, ecoam nossos incríveis e extraordinários papos de semibêbados noturnos do esfuziante Maletta. Como a gente se divertia! Como dezenas e centenas de orelhas ardiavam todas as noites vitimadas pelos nossos beliscões! Nas cartas, os beliscões com certeza estarão mais fortes, tirando mais sangue. Não juro porque não há meio de comparar a flechada falada e a estilingada escrita.

Sei de dezenas de livros importantes contendo a correspondência trocada entre Drummond e Mário de Andrade, Drummond e Cyro dos Anjos, Bandeira e... Clarice e... Será que as cartas maledicentes foram devidamente expurgadas? Ou eles não falavam mal dos outros ou, se falavam, ou fa-

ziam em linguagem amena, suave, delicadamente inofensiva?

Quando estávamos preparando nossa mudança para Portugal, Maria Zélia, minha mulher, se deu ao trabalho de tirar o mofo, a poeira e reempacotar nossa letrada maledicência para algum hipotético leitor futuro. E lá estão elas, comportadas como anjinhos do mal, esperando que o tempo lhes conceda o que merecem.

Quem sabe alguém resolve reparar nelas e achar que merecem ser publicadas? Claro que se o Sérgio autorizar. Claro que se o Sérgio não expurgar 80% delas. Eu não tenho nada com isso.

Mas uma coisa é um punhado de cartas escrito por qualquer zé-ninguém. Outra coisa é maledicência escrita no mais secreto e venenoso entusiasmo por Sérgio Sant'Anna.

SEBASTIÃO NUNES

mineiro de Bocaiúva, foi o vencedor do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura - 2018 pelo conjunto de sua obra.

O DESTINO DE UM ESCRITOR

ANGELO OSWALDO DE ARAÚJO SANTOS

Óculos escuros, cigarro à mão, poucas palavras, um sorriso irônico e o jeito displicente de intelectual francês, Sérgio Sant'Anna passava todas as tardes pela redação do *Suplemento Literário*. Estávamos no início dos anos 70, e a sala que ocupávamos na Imprensa Oficial era a mesma na qual havia trabalhado o poeta Carlos Drummond de Andrade, cerca de quatro décadas passadas. Era uma parada no caminho do Saloon, o bar da rua Rio de Janeiro onde ele se encontraria com o poeta e jornalista Fernando Brant, numa roda de cerveja e boa conversa. A presença de Sérgio Sant'Anna na redação acendia ao seu redor uma aura de discreta, mas indisfarçável admiração lançada pelo olhar dos redatores, colaboradores e outras tantas pessoas que costumavam frequentar aquela movimentada oficina das letras.



Tendo estudado na França em 1968 e passado uma temporada nos Estados Unidos, nele eram evidentes as marcas dos *soixante-huitards* que agitaram Paris naquele ano que não acaba nunca e o eco da batida *beat* dos poetas da Califórnia, anunciando rupturas e transgressões. E era isso que emergia em seus textos, com surpreendentes narrativas que se diferenciavam totalmente da opulenta produção de contos daquela geração mineira assinalada pela mania da história curta.

Sérgio Sant'Anna aparecia, desta forma, como uma figura incomum na miríade de jovens contistas, e assim aconteceu desde o surgimento das revistas *Porta*: e *Estória*, que acolheram suas primeiras publicações. Dois outros autores se destacavam, no campo da arte em que pontificava Murilo Rubião, o criador do *Suplemento Literário*: os contistas Luiz Vilela e Roberto Drummond. Vilela reciclava, em dimensões trágicas, os traumas recorrentes nas amarguras da província profunda, da família dilacerada, da angústia sem saída. Seu livro *Tremor de Terra* foi recebido com entusiasmo. Afinal, era um escritor que começava de modo estupendo, com a força de quem vinha para permanecer. Drummond, encantado pelo realismo mágico dos hispano-americanos que explodiam na Europa, parecia sonhar com a matrícula nesse fenômeno e experimentava fórmulas ao gosto do *boom* e dos *hits* da cultura pop. O prêmio do famoso Concurso de Contos do Paraná, em 1971, conferido ao conto "A Morte de D. J. em Paris", levou-o ao máximo da excitação e à certeza do esperado sucesso em escala maior.

Entre esses polos, avançava o autor de *Notas de Manfredo Rangel, repórter (A respeito de Kramer)*, disparado em intensa produção.

Oferecia aos leitores os atrativos de uma coisa nova, por criar com efeito uma novidade em termos de literatura brasileira.

No seu texto, percebeu-se logo a elaboração de uma linguagem pessoal e inovadora. O processo

criativo por ele desenvolvido absorveu lições da prosa enxuta e contundente de Nelson Rodrigues, como da observação instigante de Rubem Fonseca, do desabusado absurdo de um Campos de Carvalho e das trepidações da ficção de Clarice Lispector. A escrita jornalística revelou-se uma fonte generosa; o despojamento, um corte de estilo; a temática, um estranhamento perturbador. O resultado era diverso do que se lia comumente na produção dos novos do período.

A cabeça de Sant'Anna sempre foi cosmopolita, e a vivência em outros países influenciou a literatura de um morador de Belo Horizonte, nascido no Rio de Janeiro e habitante de várias metrópoles. Diversamente de seus companheiros de *Suplemento*, ele praticava um distanciamento crítico tanto do ambiente literário quanto de sua própria obra, ao ponto de o autoquestionamento e a autobiografia tornarem-se parte de sua criação. A música de João Gilberto, Caetano Veloso e Gilberto Gil contribuiu para a busca de depuração, tanto como a poesia de João Cabral de Melo Neto. Nas artes plásticas, ele estaria próximo de Mondrian e Klee. Numa daquelas tardes, Sérgio chamou-me a atenção para um pedaço de papel casualmente encontrado nos arquivos da Imprensa Oficial, com um texto do arquiteto Lúcio Costa sobre um monumento rodoviário que lhe teria sido encomendado pelo governador Israel Pinheiro. Ele redigiu uma nota, não assinada, que acompanhou o texto na capa da edição seguinte do *Suplemento*, sensibilizado pela palavra poética do urbanista de Brasília, enxuta e exata como um poema de João Cabral ou de Joaquim Cardoso.

Se o clima de *thriller* policial da ficção de Nelson Rodrigues e de Rubem Fonseca fascinava Sérgio na concepção de seus enredos, foi também no cinema que ele encontrou sugestões e referências. Os movimentos de câmera parecem conduzir o escritor, ora tirando proveito da função encantatória do *travelling*, ora valendo-se do uso da lente *day for night* para criar a "noite americana". O filme *noir* enriqueceu a cinemateca do contista, assim como os ícones da contracultura projetaram-se nas paredes e muros do percurso que então atravessava. O regime ditatorial de 1964, a tortura e a censura apareceram em *understatements*, na atmosfera de transe em que trafegam as personagens que não se deixam cair em armadilhas do poder político ou literário. Não escaparam a Sérgio Sant'Anna o primado àquele tempo conferido a Oswald de Andrade, as reverberações do tropicalismo, o desbunde do Teatro Oficina zecelsiano, a agudeza das transcrições poéticas de Haroldo de Campos. E as rupturas e transgressões por que passava o mundo, em meio à ruína dos preconceitos, o fracasso das interdições, a libertação de mulher, o movimento gay, o não à guerra do Vietnam.

A jukebox de cada esquina americana era um fetiche para o narrador. Sérgio Sant'Anna parecia ouvi-la tocando Bob Dylan, enquanto traduzia Donald Barthelme para o *Suplemento Literário* e inventava novas histórias. Roberto Drummond inquiriu-me sobre o fato de eu, como editor, publicar tantos contos do autor do romance *Confissões de Ralfo*, e eu o provoquei dizendo para trazer-me os dele que o *Suplemento* os acolheria com

igual prazer. Editamos um conto seu e fizemos duas entrevistas com você, disse ao Roberto, e nenhuma com o Sérgio, porque ele prefere publicar contos. Roberto Drummond e eu, colegas de jornalismo e amigos, criáramos o hábito fraternal da esgrima.

Havia uma emulação, e é natural que houvesse ciúme, como se registra em quase todos os círculos de literatura. No entanto, de maneira geral, prevalecia a certeza de que Sérgio Sant'Anna era a principal personagem daquele instante e de sua geração. Luiz Vilela nunca fez a chamada política literária ou procurou projetar-se, e à sua obra. Retirou-se para Ituiutaba, a cidade natal, onde continuou a escrever, porém apartado dos círculos de difusão e comunicação. O isolamento de certa forma impediu que seu trabalho ampliasse e conservasse o reconhecimento merecido. Roberto Drummond faleceu prematuramente, em 2002, levado por um enfarte em momento de comoção pelo futebol, que tanto o apaixonava. Atormentava-se e sofria com o desafio da criação e o destino das obras, mas teve tempo de colher elogios e aplausos, sobretudo quando lançou o romance *Hilda Furacão*, popularizado pela televisão. Sérgio Sant'Anna fixou-se no Rio de Janeiro, e não perdeu o ritmo que lhe proporcionou a publicação de numerosos volumes.

Avesso ao proselitismo e à exibição, viu seu nome crescer naturalmente. No quadro nacional e no prisma internacional, ele está entre os melhores escritores brasileiros do nosso tempo. Terá chegado a essa posição com absoluto ceticismo, outra característica de sua personalidade. Uma ironia decorrente de seu modo *blasé* talvez pretendesse protegê-lo ou resguardá-lo, fora da esfera da política literária. Irmão e pai de escritores, a literatura é para ele como a vida, porque sempre a assumiu intensamente. Escrever seria tão essencial quanto um cigarro aceso. O tempo de violência e barbárie que se desvelava engendrou o esquecimento do passado e abolição das perspectivas do futuro. O escritor penetra na tragédia contemporânea por meio de simulacros, entre o ambíguo e o contraditório. A leitura de sua obra oferece a estranha sensação do espanto diante daquilo que não conseguíamos até ali perceber.

Nunca será de fato uma surpresa para os grupos articulados de cada geração a trajetória superiormente exitosa de um de seus integrantes. Na maioria dos casos, logo se identifica, no seio de cada grupo, a personalidade que sinaliza, vagarosa ou prontamente, o carisma ascensional de seu talento. Assim como a geração de 1920 assistiu à pressentida elevação de Carlos Drummond de Andrade, 1930 aclamou Cyro dos Anjos. Os vintanistas da década de 40 viram a proeminência de Otto Lara Resende. A década de 50 teve várias promessas e apostou em Silviano Santiago. No final do seguinte decênio, despontou Luiz Vilela. Os autores dos



Sérgio Sant'Anna e o diretor Antunes Filho

anos 70 vão completar meio século de caminhada acompanhando Sérgio Sant'Anna como a mais significativa expressão literária do período. Que sendo assim para os mineiros, com os quais ele conviveu e compartilhou, também o é para o Brasil, que o considera entre os melhores da atualidade. Para os que o acompanhamos desde os primeiros sucessos, é prazeroso constatar que tínhamos razão, naquela eclética sociedade de contistas principiantes. Praticamente todos sentíamos a sua primazia, na certeza do alto voo ali iniciado.

ANGELO OSWALDO DE ARAÚJO SANTOS

mineiro de Belo Horizonte, é jornalista e bacharel em Direito. Foi prefeito de Ouro Preto, Secretário de Estado da Cultura e é membro da Academia Mineira de Letras.

CINCO SONETOS SOBRE NADA

JACYNTHO LINS BRANDÃO

I

soneto só ser for metassonético,
é o que prescreve o manual de estilo
não sei se sigo se desprezo aquilo
ou se me rendo a tal esforço atlético

posso escrever dizendo que assim fi-lo
por não saber falar com outro modo
goste desgoste quem, não me incomodo
pois em soneto falo e me aniquilo

se é proibido aqui falar de rosa
(e era melhor caso escrevesse em prosa?)
de flores eu também ando já cético

meu tema com soneto mais entrosa
e nada pode dizer desairoso
a forma em que até rosa é som poético

II

uma palavra falsa resta (ah! sim)
uma palavra. uma moeda falsa
o ser moeda por não ser realça
dizer-te te amo – digo justo assim

que seja falso: menos não de mim
palavra gasta rota vã descalça
o que te digo – a voz que em mim (ah!) se alça
o desafio de falar-me enfim

pouco me importa ter sinceridade
importa pouco a mim o ser autêntico
o ser! – mergulho nada obscuridade

se sou falsário é que há em mim verdade
não a verdade do que diz-se idêntico
de mim, poema (ah!), pura qualidade

III

aos trinta comecei este poema
pois muito e mais dois tantos sim queria
falar da experiência que vivia
como se experiência já houvera

aos sessenta reví o meu poema
pois algo e pouco mais então havia
do tempo, a dizer, que transcorria
posto pra mim em sua face austera

aos noventa desfio só lembranças
farrapos sem memória, só poema
de quem pouco a dizer se afiança

e quando aos cento-e-vinte enfim me alcança
não ter nada a dizer que valha a pena
conquisto a bem buscada aventura

IV

estes sonetos são meu exorcismo
meu exercício de matar a forma
que vira mexe sempre vem informa
o nada dito que em meu verso cismo

se é em cismar à noite nos abismos
sozinho e o verso em si não se reforma
meu exorcismo: só seguir a norma
de forma própria a esses cataclismos

por que não cismo em liberar o verso
em seu reverso conduzi-lo anverso
quebrando as normas dessas velhas práticas?

é que escrevendo versos só converso
com formas nada próprias a um converso
que se exorciza em doses homeopáticas

V

se é que algo tem, eu não posso saber
mergulho em confusão do véu de maia
sob estes olhos tudo quanto caia
é só aquilo que me é dado ver

se é que algo tem, não posso conhecer
sem ter comigo mente que me traia
sem ter filosofia que me atraia
pra se suste e me subverter

pior está em não poder dizer
que um algo tem detrás do que enfim digo
digo este ser o máximo castigo

que assola a mim que busco por um ser
que não é, não conhece, nem se diz
(acabo aqui: e fujo pra paris!)

JACYNTHO LINS BRANDÃO

mineiro de Rio Espera, é professor licenciado em Letras pela UFMG. Membro da Academia Mineira de Letras, publicou, dentre outros, *Epopeia de Gilgamesh* (Ed. Autêntica, 2017).

O JOGO DE *DOIS RIOS* CONTRA O JUGO

ANA PAULA DA COSTA

Dois rios, de João Batista Santiago Sobrinho, publicado pela Editora Crisálida em março de 2018, e seu colofão foge do rigor de apresentar apenas as informações de praxe sobre a data, o papel e tipologia utilizada. Podemos encontrar entre as informações técnicas algo como pistas sócio-histórico-geográficas que formam um curioso mapa de fechamento do livro, veja o que está escrito sobre o ano de 2018: “ano em que se celebram cerca de 323 anos de Belo Horizonte, lugar de muitos córregos, todos cobertos (1695); 174 de Friedrich Nietzsche (1844-1900); 151 anos da narrativa da *Viagem de canoa do Rio das Velhas ao oceano Atlântico*, de Richard Burton (1867); 110 anos de João Guimarães Rosa (1908-1967); 98 anos de João Cabral de Melo Neto (1920-1999); 15 anos da descoberta do ribeirão Cheonggyecheon, em Seul, Coreia do Sul (2003); 11 anos da cobertura do ribeirão Arrudas (2007)”. Um leitor atento irá perceber que isto é um mapa escondido para melhor apreender a leitura do livro, tal qual um *easter egg*, aquelas surpresinhas feitas pelos programadores de jogos eletrônicos ou sites, que escondem no jogo ou na tela comandos para que os jogadores ou usuários mais sagazes que os descubram recebam prêmios ou tenham surpresas que a maioria dos jogadores não conseguem ter. É exatamente a ampliação da experiência de leitura dos poemas que a decifração deste mapa (ou parte dele) busca incitar nos leitores.

Mas esse mapa não se apresenta no início do livro, e sim no final, na última página, no

colofão, que quase ninguém lê. A cronologia crescente dos elementos citados, e seu entrelaçamento, até chegar ao evento mais recente, é digna de uma pequena análise, mas rapidamente podemos perceber ligações entre o passado, não muito distante, e a atualidade. O cenário é a cidade de Belo Horizonte, com pouco mais de 300 anos, uma cidade moderna. Não é Juruáia, não é Rio Pomba, cidades onde o autor viveu (se ele desejasse se referir a elas, encontraria eventos para linká-las ao mapa), ele abre suas observações falando de uma Belo Horizonte que enterra seus rios. Não é nenhuma outra cidade, mas também pode ser que sejam todas as outras metrópoles, que têm posturas asfixiantes. É a cidade grande o centro nevrálgico de *Dois Rios*. Nietzsche é citado na sequência, uma referência filosófica do autor, explicitada também na “minibio”, onde se é citado: “Mesmo antes de conhecer Nietzsche achava que o esquecimento é uma forma de saúde”

Na sequência aparece o livro: *Viagem de canoa do Rio das Velhas ao oceano Atlântico*, de Richard Burton (1867), e quando vamos pesquisar, percebemos que as buscas retornam um outro título: *Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*. Um erro, um lapso do revisor? Esse lapso não importa, ou talvez até importe, uma vez que para Lacan não existem lapsos na linguagem, seja oral ou seja escrita; tudo faz parte da manifestação do inconsciente. Talvez porque o rio São Francisco seja o ator principal, não só da obra de Burton, mas também da obra do autor citado em seguida, João Guimarães

Rosa. E uma de suas personagens mais icônicas, Manuelzão, na vida real realizou a mesma expedição realizada por Burton, e desceu o mesmo Rio São Francisco, produzindo também um livro, chamado: *Navegando o Rio das Velhas das Minas aos Gerais*. Foi realizado um documentário da expedição, *Manuelzão desce o Rio das Velhas*, pelo Projeto Manuelzão, em 2003. Depois ele cita João Cabral de Melo Neto, que também escreveu um belíssimo poema chamado *O Rio*.

Acreditamos que esse João, autor de *Dois Rios*, foi fortemente influenciado por estes dois “João”, o Guimarães Rosa e o Cabral de Melo Neto, e se manteve estilisticamente entre esses dois, como se fosse a terceira margem do rio, parafraseando o título do conto de Rosa, se fazendo também um rio poético com esta obra, alcançando-os e dando sequência à mesma linha, como disse Mário Alves Coutinho, nas orlas do livro sobre João Sobrinho “como fizeram os poetas realmente grandes, antes dele”. Acho que a citação da descoberta de um rio em Seul e a cobertura do rio Arrudas, que fecha o mapa de indicações, não necessita de muitos comentários, apenas ressaltamos a brutalidade cáustica dos eventos contraditórios dessa modernidade que nos embasbaca e assola, no que tange ao cuidado e manutenção do elemento mais vital à vida que é a água, que são os rios, e essas duas intervenções tão díspares.

O fazer poético de Sobrinho está presente na artesanaria das palavras e no estilo do autor forjado no barroco mineiro. Mário Alves

Coutinho, que assina o texto de segunda e terceira capas do livro evoca algumas das características do barroco presentes na poesia de *Dois Rios*, sem citar este estilo efetivamente: “Sua poesia liga o concreto ao abstrato, corporificando-o”. Ele afirma que o autor faz uso da metalinguagem, cita alguns versos e percebemos o uso do paradoxo presente nas figuras de linguagem dos trechos destacados. “Celebrando as coisas e as palavras, Santiago celebra e afirma a vida: *toda terra é uma promessa/cumprida depois da chuva*. szOu: *a vida é comprazimento*. Sem, no entanto, esquecer a negatividade e a tragédia, que também fazem parte do nosso estar no mundo: *Talvez saiba a chuva sobre as palavras/ por afinidade com as letras/ de tanto andar entre as frases/ ao modo que os corpos andam/ em queda do ar para os túmulos*.” Esses versos finais, do longo poema que se faz livro, é como um rio que chega à sua foz, traduzindo a artesanaria e o labor do poeta, da sua escrita poética. É uma reflexão com uma escrita concisa, que evoca a palavra “túmulo” como uma hipérbole, denotando um grau máximo de dramaticidade, o peso da morte, o destino final dos corpos, mas longe de ser negativo, é apenas, até onde sabemos da materialidade, o inexequível fim, do qual ninguém pode fugir. Ou, quem sabe, “a pequena morte” dos corpos, que trataremos adiante.

O que nos chamou a atenção, inclusive para resenhar a aprofundar a leitura deste livro, são suas múltiplas camadas. Uma delas e a mais imediata é a referência à obra de Guilherme Mansur, pois após a dedicatória, ao viramos a página nos deparamos com a seguinte epígrafe: “Na escrita, na tēpora/ na chuva de Guilherme Mansur/ lado a lado com outros poeta/ estiveram brincando os rios”. Quem são esses rios? Talvez o autor esteja fazendo uma alusão a duas épocas diferentes, dois movimentos, à modernidade e ao barroco. Como afirma Ávila (1994, p.26):

“O homem barroco e o do século XX são um único e mesmo homem agônico, perplexo, dilemático, dilacerado entre a consciência de um mundo novo – ontem revelado pelas grandes navegações e as ideias do humanismo, hoje

pela conquista do espaço e os avanços da técnica - e as peias de uma estrutura anacrônica que o aliena de novas evidências da realidade – ontem a contrarreforma, a inquisição, o absolutismo, hoje o risco da guerra nuclear, o subdesenvolvimento das nações pobres, os sistemas cruéis das sociedades altamente industrializadas. Vivendo aguda e angustiosamente sob a órbita do medo, da insegurança, da instabilidade, tanto o artista barroco quanto o moderno exprimem dramaticamente o seu instante social e existencial, fazendo com que a arte também assumam formas agônicas, perplexas, dilemáticas”¹

As figuras dilemáticas estão presentes em toda obra. Os rios, tanto o vertical, na forma da chuva, e o horizontal, o rio, o tempo todo se antagonizam, se corporificam, se fundem, se separam, assumem todos os tipos de formas, de sentimentos. Na página 19, encontramos uma referência ao *Barrocolagens*, de Affonso Ávila a ao *Barcolagens*, de Guilherme Mansur: “A água estabelece laços / em seus múltiplos aquíferos. / O rio é uma inserta rua, / tudo o que nela habita / se parece com um barco”. Esse barco talvez seja o do Barroco, que atravessa os séculos e abraça os modernos, os pós-modernos, e atinge a contemporaneidade. Há também referência às *Chuvas de Poesia*, realizadas por Mansur, na página 29, nos seguintes versos:

“Jogar a palavra é idêntico a jogar um rio consoante a contingência por forma que for: No espaço arbitrário, os rios caem finitos onde cair é infinito.

Um rio transcrito é outra língua. Que língua não é estrangeira? Qual não se contradiz. Nenhuma é mais obtusa que a língua do corpo e se parece com um rio”

Os versos iniciais fazem referência ao vidro, uma repetição, e esse vidro nos remete às ideias das vitrines em *Passagens*, de Walter Benjamin, das construções do ambiente parisiense do início do século XX, as ruas das cidades. Na página 13 a crítica às construções e à essa geografia modificada se expressa nos versos, que tratam das enchentes que a cidade de Belo Horizonte sofreu e ainda sofre: “O rio insípido,/ um risco,/ aquífero confinado/ conduzido sob pressão/ invade a via de cimento/ à qual toma por terra. / Do jeito que vergaram a água/ vergariam um trilho a frio./ Não conforme os fins/ (circo, marketing, mídia) / mas conforme os meios/ e a lógica de um corpo/ quando domesticado”.

Procurando indícios sobre as formas barrocas de escrita na obra, conseguimos identificar, além das antíteses, paradoxos, hipérboles, prosopopeia e anafóricos, também uma estrofe que indica uma escrita acróstica. Observe as três letras iniciais dos versos da página 24, (P + e + na = pena), onde se versa sobre a escrita, autoria e cultura da informação:

“Procede-se à risca, o rito, e um rio se forma célere na curva da assinatura. Um rio de lei e diário, um rio oficialíssimo faz seu risco no mapa consoante jornal e adágio, é falso, então, de fato”

E como não poderia deixar de ser, Sobrinho, herdeiro ou seguidor da característica de Rosa, inventa alguns vocábulos. Não encontramos a tradução de “glomerolunar”, presente no terceiro verso da página 23: “Entanto o rio está longe / da forma crua da água; / O rio glomerolunar / despeja anônimo no corpo,/ outra necessidade o impele, / justa que seja”. Na tentativa de decifrar tal palavra percebemos que ela deriva de “glomerulonefrite”, uma doença renal. Na quarta capa do livro, Sobrinho também incorpora o rim aos versos. Esse talvez seja o traço mais trágico e ao mesmo tempo belo da obra, pois é um indicativo de uma enfermidade que o autor atravessou e encontramos essas referências em *Dois Rios*. Pois se é o rim que depura o corpo, o rio é o que

depura a natureza, e a poesia depura a realidade. É nesse fazer artístico que o poeta depura em versos os sentimentos ou a inspiração que brotam das contingências que o cercam.

É também interessante notar que leituras recentes nos despertaram o olhar para perceber uma bruma de concretismo que se faz presente na singela visualidade da página 31, na segunda estrofe:

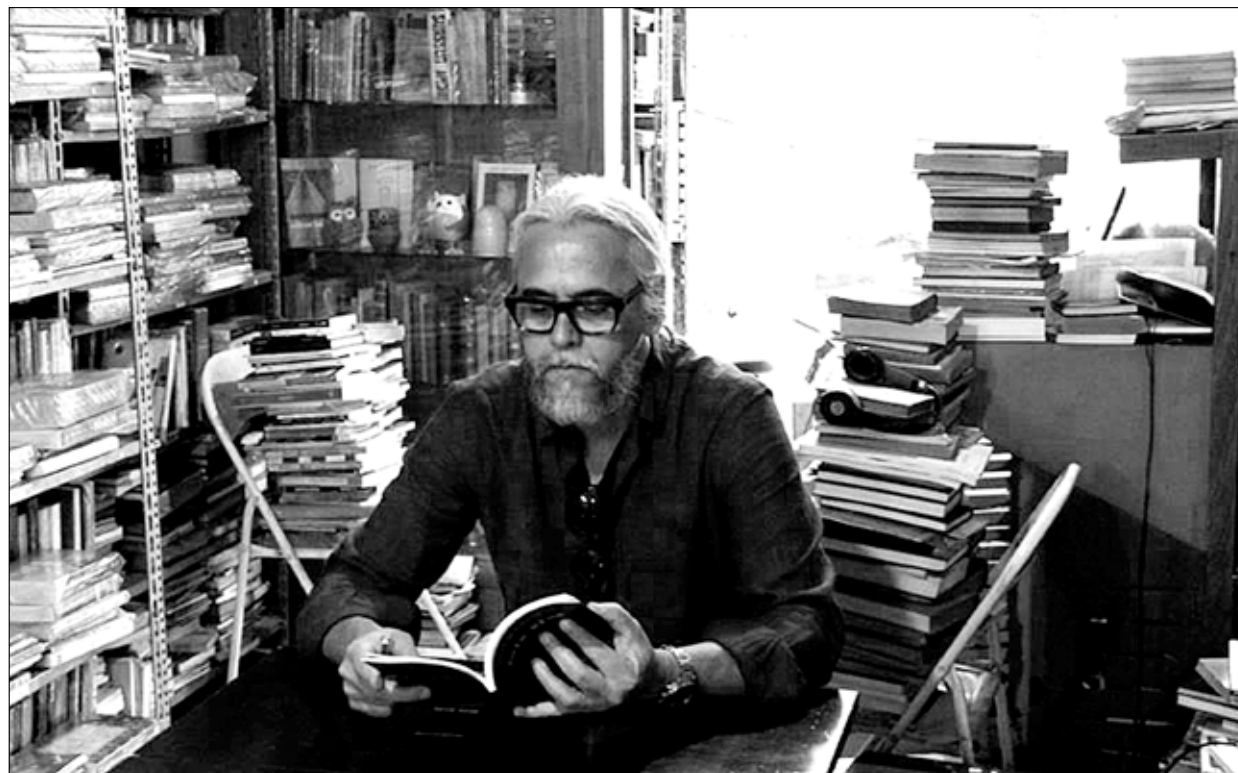
*“Há água na palavra dádiva.
Há vidro na palavra arte.
Há água na palavra vidro.
Cálcio na palavra osso.
Sódio na palavra sopra.
Silício na palavra silêncio.
Todo corpo é aspirante-à-água
Atende a lei máxima da vida”*

Note as palavras “na” das estrofes, formando a imagem de um rio, remetendo-nos ao desenho que atravessa os versos de *Cantaria Barroca* (Ávila, 1975), cuja leitura se fez necessária para um entendimento maior sobre a obra de Mansur, mas que também mostra seus rastros na poesia de Sobrinho.

§

*& em cada conto te conto
& em cada enquanto me encanto
& em cada arco te abraço
& em cada porta me aperço
& em cada lanço te alcanço
& em cada escada me escapo
& em cada pedra te prendo
& em cada grade me escravo
& em cada sótão te sonho
& em cada esconso me affonso
& em cada cláudio te canto
& em cada fosso me enforco*

Há ainda muitas outras facetas a serem exploradas, como o erotismo presente em alguns versos, sobretudo os da página 65, o que é bastante curioso, porque parece que o livro/poema chega ao seu clímax, e depois “morre”, na página 66, um movimento interessante, que para



João Batista Santiago Sobrinho

uns pode ser trágico, como a morte, enquanto para outros pode ser o que antecede à “pequena morte”. Deixaremos para o leitor essa e outras descobertas, apresentamos aqui apenas algumas e indicamos a leitura dessa obra instigante a todos que estudam poesia, a poesia mineira, autores mineiros, mercado editorial, graduandos ou pós-graduandos, pois o livro age sobre o leitor com um jogo e faz jogos de palavras e imagens. Com certeza, a leitura de *Dois Rios* abre portas para leitores iniciantes também, sendo necessário um certo esforço e uma dose de curiosidade, pois o vocabulário às vezes não é nada claro, mas com certeza isso não é impedimento para se admirar a beleza das estrofes e, por tratar de uma identificação imediata com muitos, senão todos os elementos presentes na natureza, há um encantamento sonoro, quase musical que nos seduz na primeira leitura. Acreditamos que na segunda leitura o livro se torne ainda mais interessante, e também à medida em que os leitores ganham uma bagagem de conhecimento maior, tanto no campo da literatura, quanto da filosofia, pois o livro se faz em nós mesmos, à medida em que conseguimos cruzar diversas referências e interpretações, fazendo da poesia realmente um local de resistência contra o jugo, começando internamente, pela formação de nossa identidade,

de uma subjetividade que seja forte. Como disse Affonso Ávila, “Hoje como ontem, é a astúcia do jogo criativo contra a intolerância castradora do jugo”. A leitura desta obra nos mostra o quanto o barroco se renova, mesmo sem citá-lo, pois isso faz parte do jogo de resistência, onde a arte poética precisa ser empunhada para a defesa dos nossos mais altos ideais.

ANA PAULA DA COSTA

mineira de Belo Horizonte, é mestranda em Estudos de Linguagem no CEFET-MG.

ALGUNS COMPANHEIROS (MEMÓRIAS)

EDGARD PEREIRA

O ordenamento católico, sobretudo, entre todos, recobria a cláusula pétrea, as paredes e a cobertura da casa que habitava. A obstinação em frequentar a igreja, o alinhamento resignado entre os fiéis que se ajoelhavam nos bancos de madeira negra, a crença em vagas promessas de solidariedade e compaixão pelos deserdados, eram as estacas de inserção num universo de pacificada religiosidade.

Para marcar sua formação elitista, na qual investiram os pais denodado esforço, carecia preservar vultos da geração com que estudou, reencontrar, ainda que espiritualmente, alguns *compagnons de route*. Assim mesmo, na língua de Montaigne e Sartre. Acolher em casa, esporadicamente, antigos colegas de salas e corredores da Universidade era um de seus hábitos, não raro próximos de se tornarem obsessão exasperada.

Mentalmente passou em revista na memória, em lance panorâmico, um retrato breve de alguns companheiros de curso. A graduação se fizera em Letras, na Federal de Minas Gerais, concluída no primeiro ano da década de setenta. Quatro rapazes, oriundos do Exército e de quartéis de polícia militar, tinham o cuidado de se preservarem isolados no fundo da sala. Não raro, apareciam fardados, a rigor. Um lance de mulheres de sonantes sobrenomes que remetiam a nobres antepassados (Cavalcante, Gonzaga, Alvarenga, Bragança) ocupava o canto esquerdo, entre risos e constantes reforço de maquiagem. Dois gays, de corpo esbelto e olhares oblíquos, tomavam assento no outro canto da sala, entre requebros e suspiros, envoltos em vistosos cachecóis de tricô, francamente decididos a não assimilarem a neurastenia letrada. Inexpressivos, trajando banais calças de algodão e casacos da cor de pulga, tendentes à obesidade, três ex-seminaristas partilhavam a merenda no intervalo das aulas (pedaços de bolo, pães de queijo recurvos e murchos). Descendentes de abastados fazendeiros do Triângulo, portando sombrias botas de couro negro, dois rapazes eram vistos em pose de cavalgada, mãos apoiadas no encosto da cadeira, dando a impressão de que desejavam fugir logo dali. Três madames, em vestidos finos, não ocultavam serem esposas de médicos bem-sucedidos, ali se enturmavam com os outros alunos, em esforço de atualização de conhecimentos, solícitas, vorazes leitoras de romances. Quatro a cinco mulheres jovens, exalando perfume francês e o enfado de entediadas baladas, partilhavam receitas culinárias e endereços de lojas da moda, sentadas nos bancos da primeira fila de carteiras. De todos eles, a lembrança mais vívida recaía sobre um legítimo herdeiro do barão de Caeté, detalhista e caprichoso.

Algumas convicções insistiam em fortalecer os alicerces da estrutura patriarcal, na altura da infância, em quadra mais afastada, meados do século vinte. Numa aldeia enterrada entre montanhas. Havia sólidas certezas, como se fossem dogmas infalíveis,

a léguas de desaparecerem. O ordenamento católico, sobretudo, entre todos, recobria a cláusula pétrea, as paredes e a cobertura da casa que habitava. A obstinação em frequentar a igreja, o alinhamento resignado entre os fiéis que se ajoelhavam nos bancos de madeira negra, a crença em vagas promessas de solidariedade e compaixão pelos deserdados, eram as estacas de inserção num universo de pacificada religiosidade. Por não serem os mais afortunados, por não habitarem nas melhores casas, deviam ser os mais fervorosos, os mais confiantes na misericórdia divina. A despeito de um ou outro impulso contrário, como o fato de mãe não aprovar a ida do caçula para o seminário, adversária da vocação sacerdotal no seio da família, a observação de preceitos e a manutenção da fé eram assunto jamais debatido. Um dos filhos ser coroinha era o corolário de arraigado apego aos princípios católicos. O gosto da mãe era vê-lo formado em odontologia, o máximo de profissão segundo ela. Nem por isso impediu que o filho desse entrada no seminário, onde permaneceu durante todo o curso de Humanidades, para mais de seis anos.

A maior decepção que se abateu sobre a família foi o fato de tio Estevão abandonar a batina. Ele se ordenara na sequência de múltiplos e apertados percalços, de todos sabidos. Os problemas que o atribularam ultrapassavam o suposto namoro clandestino com uma prima de olhar oblíquo numas férias. O fato de ter-se viciado em cigarros era coisa de pouca monta. Afirmar peremptoriamente as coisas, como o faço, pode transmitir a ideia de que esses tropeços eram situações banais. Folhear revistas com fotos de mulheres de biquíni em concurso de miss era pecado venial, perdoado no confessionário de grade escura no fim do mês. Após tio Estevão abandonar a batina, um universo de entranhados preceitos, até então considerados imutáveis, começou a ruir.

Após esse evento, comparável a um cisma ou funda idiossincrasia, nada mais tinha a mesma aparência ou significado. Tudo restava obscuro, como se fosse um enigma, à espera de explicação. O que mais atormentava, no entanto, é que também para o restante da sociedade as coisas restavam por serem explicadas, as mutações eram enormes, como se todos de uma hora para outra tivessem decidido mudar, adotado novos parâmetros. A consensual ideia baseada no equilíbrio de círculos concêntricos, que se ajustavam naturalmente, ruiu da noite para o dia. A própria noção de equilíbrio que as pessoas preservavam desmoronou. Aos poucos os olhos foram perdendo o reflexo mortiço, de forma consuetudinária desenvolvido ao longo das procissões, diante dos altares, diante do modo cabisbaixo andavam na rua, diante das coisas inertes. Um novo brilho, arrebatado, vivaz e luminoso começou a se desatar nos olhos, como se estivessem diante de coisas que se renovam sem sobressalto.

Após a saída do internato, participou de um grupo de reflexões bíblicas,

Ele se ordenara
na sequência de
múltiplos e apertados
percalços, de todos
sabidos. Os problemas
que o atribularam
ultrapassavam o
suposto namoro
clandestino com uma
prima de olhar
oblíquo numas férias.

organizado por um seminarista que estudara em Roma, parente em difuso terceiro grau, que se tornaria mais tarde bispo em Sete Cachoeiras. Quem o visse dez anos depois, fumando inveteradamente, não dava nada por ele. Era um jovem pacato e muito inteligente, havia cursado módulos de teologia em Seminário europeu, falava línguas. Alguns sinais dão conta, para o observador de hoje, de que nessa altura experimentara um período de êxtase religioso, uma epifania de apelos etéreos e elevados. Ariel os surpreendia, pela capacidade de trazer as palavras bíblicas para o cotidiano, as situações comuns da convivência, sem apelos devocionais melosos. Fazia comentários e interpretações que os faziam perceber atitudes e comportamentos que passavam como exemplares, os ensinamentos dos apóstolos e profetas afetavam sobre eles fortemente, verberando uma resposta individual. Revezavam-se na escolha da passagem bíblica que seria discutida, quase todas extraídas dos *Atos dos apóstolos*. As reuniões do

grupo davam-se uma vez por semana. Ariel morava numa casa que ficava atrás de uma cerca de arame, no cruzamento de duas ruazinhas desertas. Entrava-se lá, um corredor úmido, forrado de mato e touceiras de capim, por um portão enferrujado que figurava ameaçador, dando acesso a um poço escuro, negra retina pantanosa, onde seu pai cevava tilápias. Os quatro garotos atravessaram o corredor falando alto, ao mesmo tempo destemidos e temerosos. O filho do marceneiro, o mais desastrado, certa vez fez imitação bizarra de fantasma, cobrindo o rosto com a camiseta branca de algodão cru.

Três anos após, entregou-se à preparação para o vestibular, ficando os encontros bíblicos em segundo plano até se extinguirem. Não se matriculou em curso preparatório, não dispunha de respaldo financeiro. Havia uma relação de livros a serem lidos: O canto III de *Os Lusíadas*; *São Bernardo* de Graciliano Ramos, *Antologia poética* de Drummond, *Pelo Sertão* de Afonso Arinos, *A ilustre casa de Ramires* de Eça de Queirós. Procurou enturmar com os outros jovens, dentre eles alguns já conhecidos dos encontros bíblicos. Quem passou a brilhar nas reuniões de discussão literária era Lívio Barros, um garoto ponderado, de voz pausada e calma, que morava com o irmão, vigário num bairro de periferia, Santa Efigênia. “Estou preso à vida e olho meus companheiros”, o verso de Drummond calava fundo, alvo das mais inflamadas glosas, cobrando, pelo menos de forma abstrata, uma resposta de solidariedade humana e social, diferente da ideia de união e camaradagem, algo mais nítido, vislumbrado anteriormente nos textos da Bíblia. Percebia mais tarde, com a lente implacável da distância, que durante alguns anos, tivera um comportamento um tanto gregário, absorvera padrões de vivência típicos de jovens chegados do interior, buscando com tenacidade um lugar na sociedade.

Se a adolescência vai dos treze aos dezessete anos, vivera então um período de plena vitalidade e pujança. Os adolescentes não se escondem, acreditam na índole positiva das pessoas. Eles enfrentam os adultos, com suas verdades efêmeras, o portal colorido de sonhos. Ameaçadores, dissonantes. Os adultos os assustam, com sua frieza e calculada análise. Inquietos e rústicos, os adolescentes postam-se, na convivência com núcleos profissionais materialistas, sedentos de certeza. Eles destravam os grilhões da indiferença, abrem as comportas da presença desmedida e descontrolada, celebram o primado esguio da incongruência. Com o tom elevado da voz, o jeito desengonçado e veemente de falar.

Por alguns instantes supôs que aquele jovem que tentava resgatar na memória, inserido no contexto urbano dos anos setenta, não era ele próprio. Experimentamos, em nosso desenvolvimento, transformações mais ou menos traumáticas. Se pudéssemos nos confrontar com o indivíduo que fomos um dia, talvez o estranhássemos, tão diferente na certa se revelaria. O pensamento excêntrico, sobre como teria sido no passado, porém, logo desapareceu. O estranho que teria sido, que fixação patética! Voltou ao presente, ao estranho que ainda era para si mesmo. Por mais naturais que sejam as situações em que nos metemos, há passagens obscuras em nossa conduta que preferimos esquecer e apagar de vez.

Onde estaria aquele jovem tímido e desajeitado que se transformara no homem pretensamente responsável e sóbrio? Todo exercício de reconstituir o vivido é uma forma de idealizar alguma faceta do passado, ou uma tentativa de organizar o mundo, ou melhor, organizar a nossa presença no mundo. Assim agindo, aprofundamos o fosso que até hoje nos separa dos outros. Ao recompor o passado que nos foi dado viver, sem querer nos conformamos com tudo que aconteceu, com tudo que se conjurou a nossa volta para forjar o sujeito que hoje imprecisamente somos, ou imperfeitamente somos. Não conseguimos alterar a sequência dos fatos, contentamo-nos com breves alterações e consertos que se impuseram. Um sujeito apressado, que vive atropelado por compromissos e contingências, sem tempo livre para apurar a sensibilidade, substituiu o adolescente sonhador.

Chega uma hora em que o boneco de louça, frágil, se quebra, partindo-se em cacos. Os cacos, colados, não escondem os remendos, as dobras. O local da junção dos fragmentos exibe o sulco, a mancha da colagem, como se fossem cascas de uma ferida, enfim cicatrizada na pele, após muito sangrar. Os cardíacos não conseguem aplacar o casual incômodo que aperta o peito, inexoravelmente, no limiar de cada estação. Em decorrência de sucessivos sintomas, acabam por incorporar um comportamento cauteloso, uma forma de viver leve, sem se envolver de todo, fugindo aos trancos dos sobressaltos. As lembranças, ainda as suaves ou prazerosas, cheguem devagar, sem atropelos.

Tem uma hora em que a gente sossega. Após os cinquenta anos, não podemos nos atirar com sofreguidão e açodamento em qualquer aventura ou experiência. A idade por si nos desacelera e freia. O que nos estava reservado experimentar foi vivido. Como lhe confidenciou o companheiro de academia, instalado com parcimônia no papel de idoso complicado: irritava-se com a excessiva proximidade da instrutora no

pilates: interferia no curso livre de seus gases. Outra espécie de vivência projetava-se à frente: a recordação, o arco da memória. O que vivemos ninguém vai nos tirar, ninguém jamais vai conseguir reduzir ou eliminar. Só se nos dispusermos a repartir o vivido como relato, se nos decidirmos a compartilhar esse alargado inventário, se tivermos a oportunidade, se for conveniente, se.

A vida cumpria-se, em rotação mecânica implacável, os compromissos e a rotina do dia a dia, as tarefas ligadas à família, outras ligadas ao calendário, prazos comprimindo o tempo. Isolava-se na metrópole, que de súbito perdera os ares provincianos, insistentes em algumas banais ruas do bairro Padre Eustáquio, agora atravessadas por ônibus barulhentos e vans apressadas. À volta, as notas crescentes de violência e miséria. Dois ou três discípulos, aprendizes de poesia, apareciam por vezes para “traîner son dilettantisme”, um deles, o ultralangoroso Laudério Pimenta, autor de versos melancólicos. Picado pelo vírus da mágoa da última década do milênio. Da derradeira vez que o vira, surpreendera-o muito magro, ombros um tanto arqueados, compleição frágil e combalida.

Raras são as cidades que nos recebem com a receptividade da cidade natal. O mais comum é haver uma barreira entre as cidades e as pessoas. Sem nenhum motivo aparente, Sabará passou a ter sobre ele um efeito excitante. As cidades confundem-se com as pessoas que as habitam ou que imaginamos lá possam habitar. O motivo pelo qual se sentiu enfeitado pela cidade, jamais descobriu. No hotel atenderam-no dois funcionários, educados e atenciosos. Os dois o olhavam com olhos sedentos de interesse. Nada ligado a atração física, ou passional. Há detalhes obscuros entre as pessoas que se observam intensamente. Letícia – este o nome da jovem – lhe disse que era um homem sorridente. Que não o imaginava tomado por grande tristeza. Disse: você é o protótipo do brasileiro comum: ri com todos os músculos do rosto. Esquisito, foi o que disse o rapaz. O que não esclarecia nada, por sinal.

A curva serena do rio das Velhas, os chafarizes brotando água, o casario antigo, tais foram os detalhes marcantes do fascínio da cidade. Dois ou três monumentos em ruína acendem um torcido, forte interesse. Reproduzem uma forma côncava, enviesada. O vento do passado atravessava de novo naquele instante as casas, as ruas, os becos e igrejas, retornando às estruturas barrocas, pedras superpostas, volutas desfeitas. Um sentimento úmido de proteção, posse, semente ancestral, propagava-se em torno a ele, como se o anestiasse. A noção de passado tendia a se mostrar oblíqua, ambígua, era o antigo que insistia em de novo se revelar, como algo desprendido de um abraço. Se o preconceito contava no esboço daquele sentimento, corava-se de vergonha, o que não deixava de ser a afronta dos civilizados.

EDGARD PEREIRA

mineiro de Jesuânia, é ficcionista e ensaísta. Publicou, entre outros livros, o romance premiado *Outono atordoado* (2001) e, recentemente, o diário *Dias portugueses e outros*.

VIAJANDO NO PASSADO

YEDA PRATES BERNIS



Carlos Wolney Soares

Para tanto, uma paleta imaginária me ajudaria.

A cidade se orgulhava de suas sete lagoas. Uma delas reinando ali rústica e faceira, se desmanchava em piabas para a alegria das crianças. Tinha uma cor cintilante em prata que não tenho em minha paleta.

A casa era grande. Dela rescendiam odores diversos, perfume de flor e lombo assado. Pretendo colorir em branco e azul, pois a reinvento em sonho.

No jardim em frente, margaridas e violetas faiscavam poesia.

O pai, rigoroso, eu vestirei com tintas de quem vai à caça e à pesca, seu hobby maior, trazendo traíras e codornas para o lar.

A mãe, muito doce, pinto em branco cor da paz. Ela tricotava a vida e administrava a família.

No quintal imenso, repleto de árvores frutíferas, precisarei de cores fortes para o tapete de frutas caídas no chão.

Pontal, meu amado cão, o porei em cores e linhas amenas como ele.

Ah! e minha babá! Esta eu a cobrirei com vestes douradas, espargia luz e bondade por onde passava.

Amigas não as tive na infância, por determinação paterna. Uma tristeza. Assim, não tive “comadres” para brinquedos com bonecas e comidinhas no fogão improvisado.

Meu irmão caçava, com bodoque, rolinhas redondas para eventual almoço nosso.

Deixo, portanto, uma larga faixa em branco para minha infância solitária.

Agora, uma pergunta dramática: com qual cor da paleta pinto minha solidão?

GURI

CONTO DE LUCIO CARVALHO

Sob um oitão inclinado e algumas folhas de zinco avariadas pelo granizo moravam mulher e filho. Tinham em casa para cozinhar e aquecer-se uma salamandra com espaço para duas panelas e um forno de portinhola, logo acima da fornalha. O objeto tinha sido presente de dona Augusta. Quando soube que viviam nos campos da família mãe e criança recém-nascida, mandou que instalassem no pequeno galpão a peça de ferro fundido. Naquele julho, subitamente o frio amenizara, parece, só para o guri nascer.

Dia e noite o fogãozinho suspirava por sobre o telhado mal cuidado a fumaça branca da lenha que a Quitéria mesmo esculpia, desbastando com uma machadinha a galharia das árvores mortas que o Osvaldo carregava de vez em quando até ali com o trator da estância. Ele às vezes ajudava-a no serviço, mas, em troca, ficava para o almoço e para a sesta.

De que o guri era filho dele, ela nunca duvidara. Ele, no entanto, jamais assumiu que fosse. A quem porventura lhe indagasse, na vendinha da estrada ou na vila ali perto, ele costumava dizer que não tinha a tranca "daquela imundície" e, pelo que se dizia, se o guri parecesse consigo devia ser do acaso simplesmente; e encerrava o assunto, embrabecendo.

Para proteger a si e à criança, ela tinha vivendo dentro de casa um cachorro ovelheiro preto com apenas o rabo e as mãos brancas a quem chamava de Manchado e uma arma de calibre 12 de cano serrado. As duas coisas, arma e animal, foram lhes confiadas por Osvaldo, mas isso quando ela ainda nem tinha o guri, logo que ele arranchou para ela paredes e telhado do lugar. A arma ela usou apenas uma vez: numa noite de tempestade na qual tivera um sonho ruim (de não conseguir acordar) e imaginou que alguém vinha para lhe matar, forçando a portinhola do galpão, mas tinha sido apenas o vento e sua imaginação. O rombo na porta ficou vazando ar e água para dentro até que um dia o Osvaldo se prestou a pregar por dentro uma tábuca forrando a parca intimidade

interna da casinha. O animal, por sua vez, foi desde sempre o único amigo do guri.

A não ser o Osvaldo, naquele ermo quase nunca aparecia ninguém. Talvez quem visse de longe o casebre pensasse que o lugar era uma completa tapera, mas o que protegia mesmo a residência da Quitéria e seu filho era um capão de mato que impedia que se enxergasse com facilidade o lugar e também a fama de louco do Osvaldo. "Ai que me toquem na Quitéria!", ele vociferava sempre que podia. Ainda assim, o guri se criava mais selvagem do que gente e mesmo que o tempo de aprender a ler já estivesse chegando, só o que ele aprendia era a treinar o olhar e ouvidos para escapar dos olhos caninos do pai e a fugir com Manchado pelos matos onde caçavam passarinhos e lebres com forquilhas de pitangueira.

De longe, de dentro do mato, às vezes olhava fixamente para o cavalo zaino do homem amarrado a um tronco seco ao lado do pequeno curral anexado à casinhola. Tinha vontade quase sempre de subir ao animal e fugir, mas, só de imaginar a mãe sozinha, acabava desistindo. E esperava, devolvendo à sanga que corria dentro do capão os lambaris que pegava com a mão de dentro de uma bacia de pedras que a natureza ali improvisara.

Houve uma tarde em que se cansara de tanta espera e tanto nada para fazer que decidiu aproximar-se de casa, sem imaginar o que acontecia lá dentro. Encostou cuidadosamente o corpo junto a um moirão fincado ao léu, dentro do curral, a fim de espiar e escutar o que podia. Com o indicador diante dos lábios, ordenou a Manchado que ficasse quieto: talvez só o vento soprando através das árvores e arbustos não pudesse disfarçar o arfar intermitente do animal.

O que viu entre as frestas lhe pareceu mera visita de compadres. Tomando da cambona de tanto em tanto, a mãe servia mate após mate ao Osvaldo e lhe ouvia sempre quieta. Mas quando ouviu o seu nome da boca do homem, o guri teve um sobressalto. No que poderia interessar ao velhote a sua existência? Sem resistir à curiosidade, foi de

encontro às tábuas que serviam de parede ao galpão para ouvir melhor o que era explicado a sua mãe: "Mas o guri já tá taludo, Quitéria. E eu ando precisado de quem me ajude..."

Ver a mãe desacorçada quase o impeliu para dentro de casa, mas algo o deteve; não fora o latido inconveniente de Manchado, mas um pressentimento de que não devia e de que talvez devesse fugir dali como tantas vezes imaginara. O zaino estava ali mesmo, encilhado e a postos. Bastaria desamarrar o cabresto do palanque, tomar das rédeas e esporear com seus pés nus. O guri imaginava saber tudo o que precisava sobre montar a cavalo apenas de decorar os gestos do Osvaldo. Todavia, passo ante passo, mais ele se aproximava de casa e foi então que notou que a mãe chorava e agarrava-se nas próprias roupas, como contendo-se: "Tu não vai me tirar o guri, maldito...", ela dizia e, levantando-se do banco de madeira, corria pela casa.

A expressão do Osvaldo o guri não podia distinguir de onde estava. Apenas viu quando ele também se levantou e olhou por tudo, como se procurasse por algo que não conseguia saber o que era. O que o impediu de entrar e ajudar a mãe a livrar-se do homem barbudo nunca em sua vida ele poderia chegar a precisar, mas tinha medo da cara do Osvaldo desde que se lembrava dela. Um medo que se misturava a nojo, repulsa, e que ao invés de compeli-lo adiante, jogou-o para trás, como se o seu corpo franzino fosse estrangido por uma ventania. De costas ao chão, o guri sentiu o olhar de Manchado quase sobre seu rosto. Decerto por ter pressentido nele o pânico, o cachorro evadiu-se para o matagal; foi-se pelo caminho que ambos sempre faziam sem deixar rastro algum, do pouco peso que carregavam no corpo. Rastejando pelo pastical, o guri foi unir-se ao amigo e ali, encoberto pelas árvores e abraçado ao animal, chorou com um grito que lhe morria pela garganta, engasgado, sem poder expressar-se completamente.

A tarde passaria longamente se chovesse, mas o calor de novembro era grande. Grande e ventoso. O Osvaldo não se demoraria. Não era seu costume e o serviço na estância o esperava mesmo com o sol inclemente. Quando chovia e o serviço era suspenso, ele nunca aparecia. Sumia-se no rumo da cidade em busca de

Ver a mãe desacorçada
quase o impeliu para
dentro de casa, mas
algo o deteve; não
fora o latido
inconveniente de
Manchado, mas um
pressentimento
de que não devia e
de que talvez devesse
fugir dali como tantas
vezes imaginara.

alguma cancha de tava onde gastava o pouco dinheiro que de tanto em tanto juntava da venda de algum animal ou dos serviços de encomenda pelo qual recebia em espécie. O guri olhava para o zaino pateando as moscas que o importunavam na barriga e pensava que seria um pulo só, se fosse ligeiro de tomar ao mesmo tempo das rédeas. Pensava sem prudência e não tinha ideia nenhuma de aonde ir. Talvez tomar a estrada em direção à cidade. Talvez ir ainda mais para dentro dos campos da viúva, que ele nem sabia onde acabavam. Era um cavalo alto e não tinha jeito de manso, mas disso não tinha medo. Sem sair do lugar, via-se vestido como o Osvaldo: bombachas largas e alpargatas ou de bota e espora, como deve andar um capataz.

Entre o sonho de ver-se crescido e sem saber o que acontecia lá dentro, ergueu-se. Manchado ao seu lado, também. Estavam a postos como se fossem entrar em ação combinada. O guri afastou o galho de uma árvore que tapava seu caminho de volta ao rancho e pôs-se a correr, mas silenciosamente. Parecia-se a um sorro que, de quando em quando, paralisava o corpo e quase se deitava ao chão, sumindo no macegal para observar o movimento.

Pelos seus cálculos, chegava ao lombo do cavalo antes de respirar novamente. Esvaziou o ar dos pulmões e já quase passavam aos fundos da casa, ele e o cão, quando o som de um estampido o derrubou ao chão como se entre uma passada e outra, em pleno ar. Não fora o chumbo a lhe alcançar, mas o susto. O cavalo livrara-se do jugo das cordas ao empinar e corria pelo curral, enlouquecido. Não haveria mais como pará-lo, de modo algum. E embora ele nunca tivesse ouvido aquele som antes, sabia que só podia ser da arma. Seus planos de fuga ficariam para depois; precisava saber o que acontecera.

Por outro caminho que só ele e Manchado conheciam, entrou por um vão de tábuas soltas que havia no rancho. Os olhos de Osvaldo cravaram nos seus quando ele tentou atacá-lo com a machadinha de fazer lenha e o velhote o sujeitou num abraço que não era de consolo, mas forçada contenção. O primeiro e último abraço entre os dois, aliás.

II

Manchado nunca se uniu completamente à matilha dos cães da estância. Se Osvaldo não soubesse de antemão que o guri viveria de tristeza, não teria lhe poupado a vida. Por mais de uma vez sentiu vontade de meter uma bala no animal que no seu entender pouco ajudava no serviço, mas sempre se controlara a tempo. Certa vez os outros cães quase o mataram numa refrega e ele salvou-se por acertar os dentes no tendão do líder da matilha. Com o outro mancando, poderia ter assumido sua posição até novo enfretamento, no entanto o cachorro apenas angariou para si que o deixassem em paz com seus enterros de ossos.

Vivendo do lado de lá do aramado que divisava as casas e galpões do restante dos campos da estância, o animal não tinha pouso fixo. Um dia dormia nos fundos do galinheiro e outro sob tijolos empilhados na olaria junto ao moinho de vento. Às vezes, quando esfriava ou chovia mais forte, tratava de esgueirar-se por baixo do portão do galpão de máquinas e enfiava-se abaixo do motor do Allis-Chalmers, que sempre mantinha o rescaldo de um calor tépido no assoalho. Porém, não interessa onde dormisse,



era o guri tirar o pé para a rua e ele já estava ao seu lado. Passavam juntos quase o dia inteiro, não fossem as impicâncias do Osvaldo. Mas, diferente de antes, agora apenas trabalhavam.

O que o guri mais gostava de dizer quando estavam em serviço de rodeio era "Pega, Manchado!..."; o pequeno cão transformava-se numa flecha, deixava a matilha para trás e buscava de volta ao rodeio qualquer animal extraviado enquanto os demais apenas observavam, arfando. O guri se enchia de orgulho e ria sozinho, confirmando na expressão dos demais a presteza do cachorro. Só o Osvaldo não parecia importar-se com seus feitos e exibimentos. Dizia que não se fiava em cachorro, só no "pingo" e no laço. O guri notava o desprezo, mas mesmo assim o orgulho era maior.

Quando, no verão, os netos da Dona Augusta apareceram na estância, o guri ficou ainda mais arredio. Embora os peões lhe tratassem bem quando o Osvaldo não estava por perto, ele se acostumara à solidão e ao silêncio da campanha e parecia aturdido de ver perto de si crianças brincando e jogando bola, como se dessa forma elas violassem o lugar. Mas ali estava claro por toda a parte que elas poderiam fazer o que quisessem. Nas tábuas das mangueiras e no lombo dos animais, a letra T sobrescrita com uma meia lua indicava a inicial do sobrenome dos donos daquelas terras e era o mesmo que ficava ao final do nome daquelas crianças.

Um dia o Osvaldo mandou o guri acompanhá-los à sanga. Queriam pescar lambaris e ele os ajudaria a encontrar os melhores poços e a fisgar minhocas. "Tu vai com eles, mas não dá um pio...", ordenou-lhe o pai. Quietamente como sempre, obedeceu e pôs-se a guiar o casal de crianças que lhes seguiam os passos através do caminho socado repetidamente pelos animais.

Ele achou estranhos os calçados que elas usavam. Nunca vira nada assim antes. O mais próximo de sapatos que conhecia eram as alpargatas *Rueda* que o Osvaldo trazia de tempos em tempos do bolicho ou de alguma ida à cidade, quando lembrava que o guri andava quase de pés no chão. Talvez, mesmo, porque alguém o alertasse disso, porque o Osvaldo não era de oferecer nada ao guri. Nunca foi.

Embora regulassem de altura, as crianças

O Osvaldo olhava sem
pena para o guri
chorando abraçado ao cão
e mirava o alvoroço
que se fazia na sede da
estância para receber,
naquele estado, os
herdeiros do lugar.
"Guri de merda... O
que tu fez aqui?",
perguntou. Mas o menino
não conseguia dizer
nada e olhava-o como se
drenasse pelos olhos.

não se dirigiam a ele, decerto por orientação de algum adulto, e lhe alcançavam os caniços à distância, segurando de uma ponta e esticando-os em sua direção. O guri esmagava os dedos no vidro de minhocas e lhes entregava prontos para a pesca. Mas faziam tanto barulho que não conseguiam pescar coisa alguma enquanto ele via sob a água, nadando para lá e para cá cardumes de pintados, coridoras e carás. Por hábito, ele colocava a mão no fundo dos buracos entre o lajeado e deixava que bicassem seus dedos enquanto assistia os dois puxarem vazias as suas linhas. Pensou até, ao ver um jundiá encostado ao barranco da sanga, em pegá-lo para mostrar-lhes, mas, naquele instante a menina acabou resvalando para a água e prendendo o pé em alguma pedra ao fundo do rio.

O susto e os gritos não se fizeram ouvir à distância, porém o Osvaldo andava campando ali perto e colocou-se a galope naquela direção. O guri tinha mergulhado e soltado o pé da menina enquanto seu irmão sequer podia gritar mais, branco como papel. Na borda da água, o Osvaldo encontrou-os com ela recuperando-se do susto, seminua porque rasgara e perdera dentro da sanga pedaços da sua

roupa. Ele desceu de um pulo do zaino, tomou do rebenque pendurado no pulso e sem dizer palavra lascou nas costas do guri. Uma vez, duas vezes, três vezes, quatro... Os irmãos gritavam apavorados e imploravam para que parasse, mas de nada adiantava. No acesso de ira, chegou mesmo a virar o cabo do mango e, nesse momento, o cachorro grudou os dentes em sua coxa direita, num salto que era absurdo para sua estatura. Ele o chutou para longe e acertou a bolota e a argola do instrumento em pleno crânio do animal, estatelando-o imediatamente no pasto amarelado.

As crianças correram para casa como podiam, subindo o declive que uma grande coxilha fazia. O Osvaldo olhava sem pena para o guri chorando abraçado ao cão e mirava o alvoroço que se fazia na sede da estância para receber, naquele estado, os herdeiros do lugar. "Guri de merda... O que tu fez aqui?", perguntou. Mas o menino não conseguia dizer nada e olhava-o como se drenasse pelos olhos. Montado a cavalo, disse-lhe que viesse com ele para que fossem arrumar suas coisas. Depois do que acontecera, os patrões não permitiriam que continuassem vivendo ali. Nenhuma explicação bastaria. Não era muito o que tinham e deixariam para trás as coisas pesadas. Na carona do zaino, o espaço vago seria usado para a mala de garupa e o baú que amarrariam com coisas de algum valor. Se não tivesse perdido o tostado velho no truco haveria com o que fazer carga, mas, do jeito que estavam, o guri iria a pé.

III

As histórias mais tristes que o guri poderia ter conhecido a respeito de sua origem haviam lhes sido ocultadas pela mãe, mas tampouco ela tinha com o que substituí-las. Talvez ela não desejasse desiludi-lo precocemente de qualquer possibilidade de uma vida tranquila, mas o mais certo é que a sua própria fora a única vida que conhecera e vivera e por isso o guri nasceu e foi criado em meio a um silêncio de palavras e de histórias. Por ensinamento, o que ela apenas lhe mostrava era como viver pela própria conta, dependendo o mínimo dos outros.

Tão logo parou de mamar, ele nunca mais subiu ao colo da mãe. Ela nunca deixou. Para

Abrindo as janelas num golpe só, engançou nos olhos dele, no entanto tinha um pânico no seu gesto, como se temesse ele o flagrante, e não o guri. Os dois sustentaram o olhar por um tempo que pareceu maior a ele do que ao Osvaldo e só ouviu do outro um "Te manda daqui pra casa e me espera de mate pronto!"

caminhar, nunca ela lhe alcançava a mão. O guri aprendia tudo sozinho, sem quem o acudisse de nada. De longe, ela lhe prestava atenção sem que ele soubesse, mas ele preferia estar sozinho e quieto também. Passeando nos matos, ele apontava as pitangas e guabijus como se perguntasse a ela se eram comestíveis e ela respondia quase apenas com os olhos. No máximo dizia "Essa pode..." ou "Essa não!" e continuavam a caminhar em torno do rancho, quando ela tinha certeza que o Osvaldo não apareceria. Às vezes, ele viajava para uma tropeada mais longa e então ela se atrevia a sair com o guri em função de conseguir algum mantimento no bolicho. Iam a pé, atravessando os aramados e expondo-se à curiosidade dos vizinhos: esse era o jeito de que soubessem da sua existência e do

que o Osvaldo parecia tentar esconder de todos.

Da mãe, o guri herdara a pele escura e o olhar parado e tristonho acostumado a esperar sempre pelo pior em primeiro lugar. O sorriso do guri só mesmo ela havia conhecido, nesses passeios que às vezes faziam juntos sem a ameaça do homem. Manchado também o conhecia e, se pudesse, teria sorrido de volta a cada vez que o guri lhe dissera: "Muito bem, Manchado velho...". Porém a morte estúpida do cachorro e as explicações nunca assimiladas acerca do acidente com a mãe como que arrancaram qualquer possibilidade dele voltar a sorrir. O guri tinha as sobrancelhas sempre crispadas, como se evitasse entrar poeira pelos olhos como no dia em que foram embora da estância em direção à cidade. E jamais levantava a voz para o Osvaldo ou quem quer que fosse, costeando-o como um pequeno animal arisco que evita mostrar demais a sua presença.

Na cidade, o único serviço que o Osvaldo conseguiu foi de faz-tudo: serviços ocasionais que obtinha por indicação de um uruguaio que conhecia há tempos da cancha de osso e era dono da única ferragem da vila a caminho da cidade, logo passando o trevo. Gonzales era seu nome e aparentemente apiedara-se do velho campeiro sem eira nem beira que aparecera por ali com o guri ao pé.

"Tu me faz estes serviços e firma na minha retaguarda que te arranjo o quarto dos fundos", foi como fizeram o acerto. Os serviços eram os que surgiam: de arrumar um encanamento na casa de um ou de outro, assentar telhas até a levantar paredes, coisas assim. O Osvaldo fazia o que podia, mas não gostava daquela espécie de atividade. O guri é que acabava fazendo a parte mais elaborada do serviço, pois ao homem faltava delicadeza para o que exigisse qualquer pormenor. A retaguarda era outra espécie de serviço que mais lhe apetecia. Quando caía a noite, invariavelmente a dupla ganhava a rua e seguiam rumo à jogatina. O Osvaldo assegurava a tranquilidade do ambiente que o outro mantinha nos fundos de uma casinhola junto à valeta que canalizava os esgotos do bairro em direção ao Riacho Fundo.

Apesar da ordem de nunca sair de casa à noite, uma vez só o guri os seguiu na quase total

escuridão daquele arrabalde. Numa daquelas noites gélidas de julho, ele rompeu a cerração cautelosamente, cuidando de que não percebessem sua aproximação. Com as pontas dos pés sobre uma pilha de tijolos que amontoou sob o parapeito de uma das janelas do lugar, viu o pai em pé, ao lado do homem que manuseava o osso de garrão e bebia qualquer coisa num copo de alumínio. O Osvaldo lhe acompanhava na bebida e aproveitava para gracejar com moças que serviam aperitivos para os jogadores, em bandejas. Tudo resumia-se em pedaços de carne assada, queijo de porco e linguiças. O guri olhava a tudo com detalhes, sem medo de que o flagrassem na situação e ficou cuidando os arremessos que os homens emparelhavam no chão de terra. Ele tentava entender o que faziam, mas quando o Osvaldo começou a dar empurrões em outros jogadores enraivecidos e retirou da cintura um revólver de que ele nem sabia a existência, desequilibrou-se do seu poleiro improvisado e foi ao chão, causando um barulho que chamou a atenção dos que estavam lá dentro.

Abrindo as janelas num golpe só, engançou nos olhos dele, no entanto tinha um pânico no seu gesto, como se temesse ele o flagrante, e não o guri. Os dois sustentaram o olhar por um tempo que pareceu maior a ele do que ao Osvaldo e só ouviu do outro um "Te manda daqui pra casa e me espera de mate pronto!" Tremendo nas próprias pernas, o guri correu para casa como conseguiu no meio da cerração da noite que parecia já ir misturando-se à cerração do dia. Sem entender direito onde andava, acabou tropeçando e caindo em algum trecho da valeta que dia a dia crescia como cobra em vias de parir. Seu poncho de lã tramado em duas cores inutilizara-se por completo em meio aos resíduos depositados ali dentro pelas casas da vizinhança. As meias, a blusa, toda a sua roupa restava completamente encharcada. E os cabelos lisos e pretos também. Assim, parecendo-se a uma aparição, o guri atravessou o bairro até chegar em casa sabendo que a única água disponível para lavar-se era a que havia no poço da casa do hospedeiro uruguaio e mais fria era impossível.

A noite passava interminável e ele não imaginava a hora em que o pai apareceria de volta.

O jeito era ficar acordado e reatizar o fogo na mesma salamandra que dona Augusta, tempos atrás, entregara a sua mãe e que o velhote instalara ali naqueles fundos de pátio para aquecerem-se também. Depois de ter colocado de molho as roupas enlameadas e vestir-se com outros farrapos, cuidou de manter a chaleira com água quente a noite inteira, até que ele chegasse.

Ao acordar-se, estava no mesmo lugar onde se empilhara pela noite. Sentindo o corpo duro e dolorido, via o rosto do velhote observando-o, entre um sorvo de mate e uma baforada. Naquele momento, não era um olhar ameaçador, não sentia que fosse, e o guri tinha os sentidos muito apurados no que se referia a estar em perigo e também no que se referia a ele. Não sabia como chegara ali, mas havia uma coberta em seus ombros e o pai lhe estendia a mão com a cuia num gesto que nunca vira antes. Pegou do recipiente que o outro lhe alcançava e engoliu o mate que lhe pareceu um tanto sem gosto. Parecia-lhe que queria lhe dizer algo e não encontrava palavras, mas ele também não tinha como facilitar as coisas. Então ficaram quietos, trocando a cuia de mão até o dia estabelecer-se de vez entre os galhos altos das pereiras que havia rente ao muro dos fundos no pátio do uruguaio.

"Tu pode pegar uma roupa minha até que lave as tuas, mas vamos logo que tenho serviço de telhas ali na casa da dona Mariana e preciso que tu não fique tremendo que nem vara verde...", lá pelas tantas ele disse ao guri. Ambos comiam as galletas secas de um pacote e logo partiram, sob o olhar desconfiado do Gonzales que já atendia no balcão da ferragem e os observou passar sem que sequer olhassem para

dentro do estabelecimento, segurando cada qual a ponta de uma escada de tábuas pregadas que o Osvaldo usava para trepar em lugares mais altos. A cerração finalmente dava ares de desvanecer-se e o sol imprevisível de um julho naquele lugar parecia que viera do nada, só porque o guri estava mal vestido e tinha frio.

"Bons dias, dona Mariana", o Osvaldo disse à velha senhora que veio cumprimentar o faz-tudo. Depois que enviuvou, ela tratava de deixar a casa conforme nunca conseguira quando era casada e o falecido prometia arrumar tudo e nunca arrumava nada. Agora, ela gastava o pouco dinheiro da pensão procurando nem tanto em fazer a casa destoar do resto das outras casas desbotadas do lugar, mas em ter para seu próprio orgulho um lugar limpo e decente. "A senhora não se preocupe que não vai mais entrar uma gota de sereno na sua residência...", o Osvaldo prometeu-lhe enquanto subia as escadas e o guri segurava de um dos lados, na parte de baixo. "E o menino, não quer um bolinho?", ela perguntou gentilmente. Mas o guri era treinado a recusar tudo e disse apenas "Não precisa, dona..." Ela não se convenceu e entrou na casa a fim de buscar na cozinha um prato para levar uma fatia de bolo ao guri, como era o seu desejo.

A roupa que o Osvaldo emprestou ao guri era cheia de remendos por fazer. O vento rasteiro que dissipara a cerração era frio e parecia procurar naqueles andrajos um modo de enfiar-se e o fazia. O guri batia dentes e sonhava com uma caneca de leite quente acompanhando o bolo que ela traria, mas a mulher demorava-se incompreensível e demasiadamente. O sono da noite mal dormida fazia com que misturasse a fome ao

perfume imaginado dos bolos e pães que a mãe preparava quase que só para ele no arranchado ainda na estância da viúva. Fazia com que misturasse o cheiro do esgoto de que mal se livrara com o de sabão de sebo com que ela lhe banhava no inverno, com a água aquecida de um panelão que tinha para essa finalidade. O estado mental de transe em que estava apenas se resolveria quando pudesse voltar a deitar e dormir, mas o dia mal começara para eles.

Vindo de algum lugar do qual não percebera, olhando para cima, para as bombachas manchadas de lama que o Osvaldo usava para acessar o telhado a consertar, o guri sentiu que alguém lhe cheirava os pés dentro das alpargatas endurecidas. Talvez por efeito do torpor, pareceu-lhe que conhecia aquele animal. O focinho branco e as orelhas caídas pretas como todo o restante do corpo, exceto as mãos e as patas, quitavam-lhe as dúvidas: era o Manchado que estava ali e vinha para lhe fazer companhia, como sempre. Soltando da escada para seguir o animal que troteava para um arvoredado que corria ao lado da canalização do esgoto aberto, o guri sequer notou que enganchou o seu pé da escada. Feliz como há muito tempo não estava pelo surgimento inesperado do amigo, corria e ria alto atrás do cão. Feliz e com a boca aberta de tanto gritar "Espera, Manchado!!", o guri sequer notou o ruído seco que se seguiu à queda do Osvaldo. E enquanto a dona Mariana clamava ainda e em vão por um socorro que ali ninguém seria capaz de dar ao sujeito, o guri só conseguia pensar que afinal não faria diferença que aquele não fosse o Manchado, desde que nunca mais aquele dia acabasse.

A UNHA DA MÃO PEDRA

MÁRIO ALEX ROSA

*ao poeta Armando Freitas Filho,
que mora numa casa no bairro da Urca - RJ.*

A unha do pão de açúcar
 encrava o jardim da casa
 desde o nascedouro
 fincada como pedra
 para a palavra-pedrada
 não seca, mas dura de sal grosso
 vinda de suas raízes, rocha para sempre.

A mão que a toca tocada fica
 como se verifica nessa poesia
 de dias claros como o sol da baía
 de tardes duras na sua Urca
 à procura de palavras sem burca.

A unha da mão fere o branco
 grafitado de cinza-pedra, de azul anil
 do céu aberto do amor que se espera
 antes do fuzil sangrando o jornal
 comprado na banca.

MÁRIO ALEX ROSA
 mineiro de São João del Rey, é poeta.